

NOVAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO SAMBAQUI DE MATINHOS, NO ESTADO DO PARANÁ

Igor Chmyz *
Eliane Maria Sganzerla *
João Carlos Gomes Chmyz *

* Pesquisadores do CEPA/UFPR.

RESUMO: Este artigo, publicado em homenagem do Centenário de Nascimento do antropólogo José Loureiro de Ascensão Fernandes (1903-2003), retoma as discussões sobre o Sambaqui de Matinhos, no Estado do Paraná. Os resultados parciais das escavações pioneiras da década de 1940 foram publicados por Loureiro Fernandes nos Anais do 31º Congresso Internacional de Americanistas. O resgate da história do Sambaqui de Matinhos inclui a produção esparsa de Guilherme Tiburtius e colaboradores. São apresentados, também, dados de pesquisas realizadas na década de 1970 nos remanescentes do sítio arqueológico e os resultados de recentes datações radiométricas. Discute-se, ainda, a reocupação do sambaqui por caçadores-coletores portadores de pontas de flechas pedunculadas.

Palavras-chave: Arqueologia brasileira; Sambaqui do Paraná; Datações radiométricas; História de pesquisa.

INTRODUÇÃO

Em fins de 1976, os dois primeiros autores, atendendo a uma informação da Sra. Hildegard Júlia Pacheco visitaram, no Município paranaense de Matinhos, os remanescentes de um sambaqui expostos quando da edificação de uma casa. Nos trabalhos de modelagem do terreno e abertura de valas para alicerces, ossadas humanas havi-

am aflorado juntamente com conchas, ossos de peixes, etc. Os ossos humanos perturbados e deixados de lado pelos operários foram, então, recolhidos. Verificaram, ainda, os autores, que outro enterro fora parcialmente danificado no espaço situado entre a casa em construção e um galpão. Os trabalhos nesse pequeno espaço haviam sido paralisados pelo Sr. Jorge Antônio Heil, proprietário do terreno, aguardando a abordagem especializada.

Pelas providências tomadas e pelas atenções dispensadas em todos os momentos, a equipe externa os seus agradecimentos à família Heil. Tais atitudes devem sempre ser louvadas, pois, das construções vizinhas, também erigidas sobre a camada residual do sambaqui, nunca se teve qualquer informação de ocorrência de peças arqueológicas.

A parte reservada foi escavada em princípios de janeiro de 1977 pelo primeiro e terceiro autores deste artigo, com a colaboração de Lygia G. Chmyz e Alcírio Lori Baido e, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O trecho abordado nas atuais pesquisas, que corresponde à porção sudoeste do Sambaqui de Matinhos, hoje está loteado e edificado, fazendo parte da Planta Rosa Pereira Gomes. Está situado no Município paranaense de Matinhos, ao norte da estrada que conduz a Sertãozinho (Indaial), a leste da rua Particular A e ao sul da rua Particular B.

O presente artigo foi elaborado em 1987 e deveria integrar uma coletânea que o Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná pretendia publicar como uma homenagem ao seu fundador, passados dez anos de sua morte. Além da divulgação de novos dados sobre um sítio que se julgava destruído, este tema foi então escolhido porque possibilitaria relembrar a atividade desenvolvida por José Loureiro Fernandes, há décadas, no mesmo local. Desejou-se, também, reunir a produção mais significativa de Guilherme Tiburtius junto ao Sambaqui de Matinhos, que é antiga, fragmentada e, se encontra dispersa em vários periódicos.

Não se tendo concretizado a homenagem, devido à falta de recursos financeiros, o artigo preparado permaneceu arquivado até a data da sua edição pelo Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas e Departamento de Antropologia, órgãos por ele criados na Universidade Federal do Paraná. Esta publicação é, portanto, em come-

moração do Centenário do Nascimento de José Loureiro Fernandes.

Nesse meio-tempo, acontecimentos ligados ao sítio em questão e, o aparecimento de novas referências bibliográficas, motivaram alterações e acréscimos no texto original.

O material arqueológico procedente da última intervenção no Sambaqui de Matinhos encontra-se depositado no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (números de catálogo 1534 a 1538).

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

As únicas descrições existentes sobre estruturas no Sambaqui de Matinhos são devidas a José Loureiro FERNANDES que, entre os anos de 1942 e 1947, acompanhou fases de sua exploração comercial. Os resultados parciais das suas pesquisas pioneiras foram publicados em 1955, nos Anais do 31º Congresso Internacional de Americanistas, embora em outras ocasiões, como em 1947, no Volume 6 dos Arquivos do Museu Paranaense, a elas tenha se referido vagamente.

O sambaqui estava sendo desmontado pela Diretoria de Obras e Viação, que utilizava o seu material para o revestimento e conservação de estradas. Loureiro Fernandes conseguiu que um setor situado na parte sudoeste do sambaqui fosse reservado para as suas pesquisas uma vez que, naquele trecho, devido a uma perturbação mais antiga, era bem visível a estratigrafia do sítio.

Outras informações sobre o Sambaqui de Matinhos existem na literatura especializada, porém dizem respeito a artefatos que dele foram retirados sem controle estratigráfico, muitas vezes pelos próprios operários da Diretoria de Obras e Viação. Esses elementos foram colecionados por Guilherme TIBURTIUS, por meio de escavações realizadas em 1945 (1996:24) e, posteriormente, através dos operários do desmonte. Coincidindo com os trabalhos de Loureiro Fernandes, as atividades de Tiburtius naquele local geraram grave desentendimento entre ambos, um desfecho previsível tendo em vista suas diferentes perspectivas em relação aos sítios arqueológicos.

Várias publicações tratam desse acervo descontextualizado. A primeira delas, de Guilherme TIBURTIUS, Alsedo LEPREVOST e João José BIGARELLA (1949:87), discorre sobre bulas timpânicas de ba-

leias e objetos confeccionados sobre essa matéria-prima, diferenciando-os dos que eram simplesmente referidos como elaborados em ossos. Divulgou, essa publicação, além de peças mostrando etapas de trabalho, osteólito, rodela perfurada, esferas, contas de colares e placa com incisões lineares paralelas em ziguezague (Fig. 1).



Figura 1. *Artefatos elaborados sobre bula timpânica de baleia procedentes do Sambaqui de Matinhos (Extraídos de TIBURTIUS, LEPREVOST e BIGARELLA, 1949:Fig. 12, 14, 15, 16, 17 e 18). 2065 e 2830, placas perfuradas; 3173 e 2991, esferas; 1679, 2831, 2085 e 3424, pontas e fusos de finalidade desconhecida; 1872, contas; 2888, placa com incisões lineares paralelas em ziguezague. Nesta montagem as peças foram convertidas para uma escala comum.*

Sessenta e seis pedras corantes, constituídas por óxidos de ferro e manganês, foram depois apresentadas por TIBURTIUS e LEPREVOST (1952:149). As peças consideradas na análise foram aquelas que mostravam a superfície alisada ou com sulcos resultantes da retirada de pigmentos (Fig. 2).

Referindo-se genericamente à ocorrência, em sambaquis do Paraná e Santa Catarina, de esqueletos humanos repousando sobre “... **verdadeiros leitos vermelhos, formados por restos de conchas cimentadas por uma massa de óxido de ferro, estando os mesmos sempre anatomicamente perfeitos, algumas vezes**

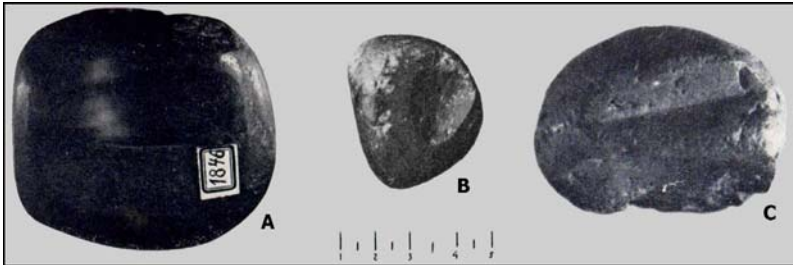


Figura 2. Pedras corantes recolhidas no Sambaqui de Matinhos (Extraídas de TIBURTIUS e LEPREVOST, 1952:Fig. 1, 5 e 6). A-B, hematitas compactas de coloração avermelhada; C, wad de manganês, de cor preta. Nas peças B e C ocorrem sulcos de raspagem.

possuindo ornatos variados, tudo coberto com fina película de óxido de cor vermelha...” (p. 152), os autores especificaram adiante que, do Sambaqui de Matinhos, calotas cranianas impregnadas de corante foram analisadas para verificação de teor do Fe_2O_3 . Informaram, também, sobre peças manchadas de vermelho encontradas em outras camadas do sítio, distantes dos enterros.

Em outro artigo, os mesmos autores descreveram 15 artefatos líticos referentes a lâminas de machados (TIBURTIUS e LEPREVOST, 1953:503). Os artefatos apresentados foram elaborados sobre blocos e seixos-rolados. Mostravam-se lascados na maior parte do acervo e, raramente, semipolidos e polidos. Uma lâmina polida ostentava entalhes laterais nas porções medianas (Fig. 3).

Mais tarde, também a bico de pena, alguns dos artefatos apresentados na publicação de 1949, foram relacionados por TIBURTIUS como “**objetos de adorno**” (1960:21). As peças referem-se a pontas, placa e disco perfurados, conta de colar e fusos trabalhados em ossos e bulas timpânicas de baleia. Um objeto fusiforme, como os anteriores, era confeccionado em rocha. A função da maioria dessas peças continua desconhecida (Fig. 4). Talvez algumas correspondam a partes de tembetás.

Em seguida, TIBURTIUS e Iris K. BIGARELLA divulgaram três zoósteos recolhidos no sambaqui (1960:32). Os desenhos de Tiburtius reproduziram uma baleia esculpida em bula timpânica, um pássaro

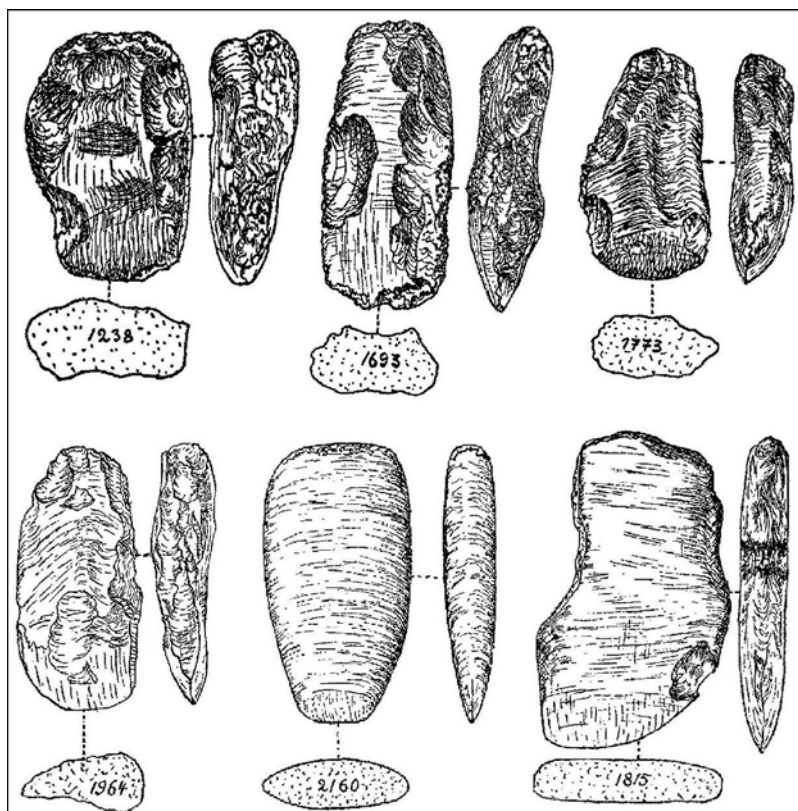


Figura 3. Lâminas de machados do Sambaqui de Matinhos (Extraídas de TIBURTIUS e LEPREVOST, 1953:Fig. 5, 6, 8, 10 e 13. Escalas diversas). 1238, 1693 e 1773, lâminas lascadas (peça 1693: 155mm de comprimento); 1694, lâmina com gume polido (138mm); 2160, lâmina polida (217mm); 1815, lâmina polida, com entalhes laterais (195mm).

elaborado em osso de baleia e uma cabeça de coruja esboçada em vértebra de peixe. O pássaro é um fragmento de artefato e pode corresponder à extremidade proximal de um bastão (Fig. 5).

Depois do trabalho setorizado de Loureiro Fernandes, o Sambaqui de Matinhos continuou sendo desmontado pela Diretoria de Obras e Viação e, alguns dos artefatos coletados nessa atividade

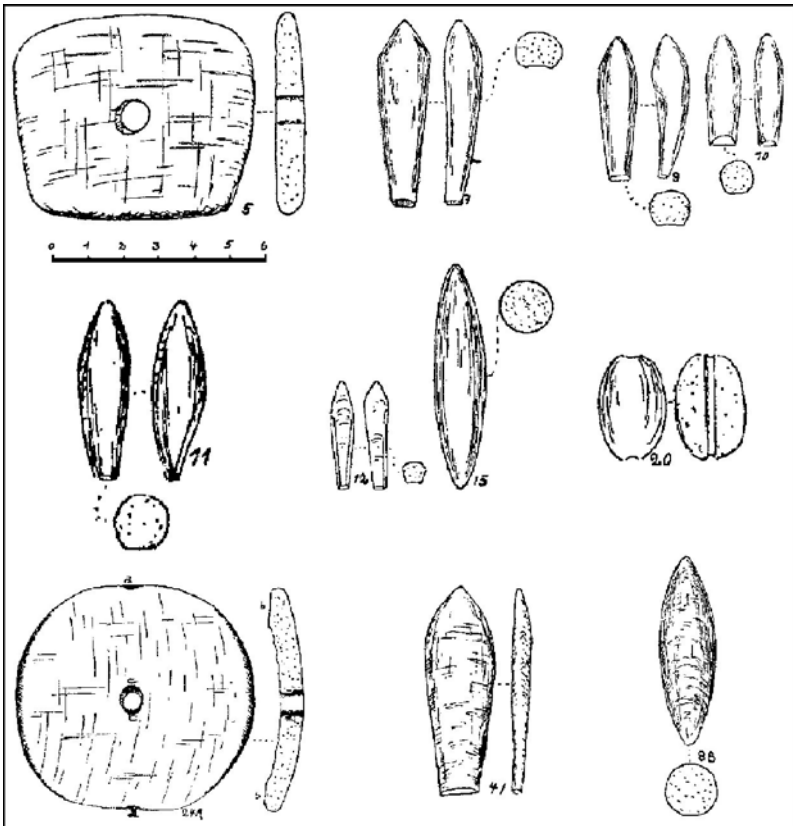


Figura 4. Artefatos ósseos e lítico do Sambaqui de Matinhos (Extraídos de TIBURTIUS, 1960:Pranchas 1, 2, 3, 4 e 8. Escalas diversas). 5, placa perfurada; 7, 9, 10, 11, 12 e 41, pontas; 15, fuso; 20, conta; 24A, disco perfurado; 88, fuso elaborado sobre rocha.

predatória foram depositados no Museu Paranaense. Com a estruturação do Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, no final da década de 1950, algumas delas foram utilizadas nas exposições, acabando incorporadas ao seu acervo.

Duas dessas peças referem-se a zoólitos, com as diagnósticas depressões ventrais. Ambas foram elaboradas em diabásio. A primei-

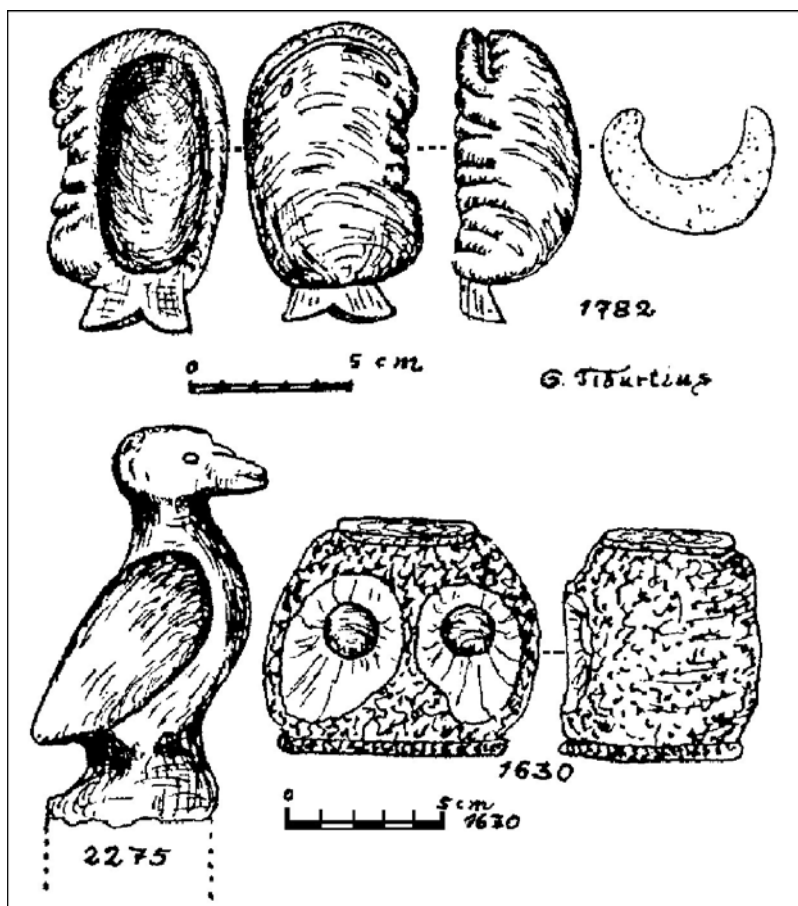


Figura 5. Zoósteos procedentes do Sambaqui de Matinhos (Extraídos de TIBURTIUS e BIGARELLA, 1960:Fig. 4 e 5). 1782, baleia esculpida em bula timpânica; 2275, pássaro elaborado sobre osso de baleia; 1630, cabeça de coruja esboçada em vértebra de peixe. A peça 2275 corresponde à extremidade proximal de bastão.

ra representa um pássaro com asas abertas (Fig. 6, A); a segunda reproduz um mamífero marinho (Fig. 6, B).

Uma terceira peça desse estoque, aproveitada nas exposições

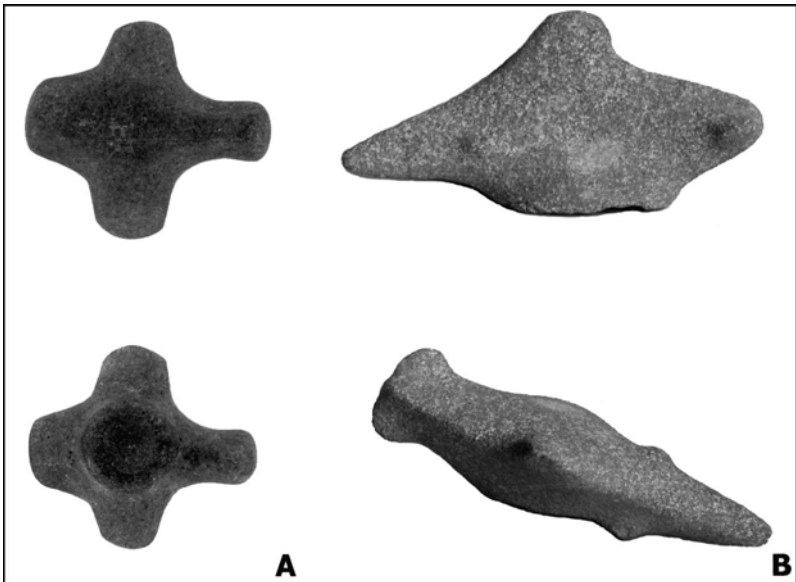


Figura 6. Zoólitos do Sambaqui de Matinhos incorporados ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá. A, topo e base de pássaro esculpido em diabásio (89mm de comprimento); B, perfil e topo de mamífero marinho elaborado sobre diabásio (240mm) (Fotos: arquivo do CEPA/UFPR).

do Museu de Paranaguá, é uma obra-prima da arqueologia brasileira. Trata-se de um albatroz esculpido em osso de baleia. Foi encontrada fragmentada e pode corresponder à extremidade proximal de um bastão (Fig. 7).

O albatroz e o zoólito cruciforme representando o pássaro em voo foram divulgados por André PROUS (1974a:11; 1974b:213). Na segunda publicação, a fotografia da cabeça de coruja, esculpida em vértebra de peixe, mostra as proporções reais do objeto que estão um pouco distorcidas no desenho de Tiburtius. O albatroz e o mamífero da Figura 6 B do presente artigo ilustram, também, a obra Herança patrocinada pelas EMPRESAS DOW (1984:80 e 86).

Loureiro Fernandes teceu alguns comentários sobre esse artefato na sua caderneta de campo datada de meados da década de

1940: **“Peça de arte: um albatroz. No sentido estético, revela-se um verdadeiro exemplar do naturalismo. É um precioso exemplar, uma mostra convincente dos poderosos recursos da espontânea arte animalista dos primeiros artistas das nossas remotas populações litorâneas”.**

Em abordagem mais recente, João José BIGARELLA (1991:29) proporcionou novas informações sobre esse sambaqui, inclusive imagens de sua progressiva destruição e artefatos inéditos da coleção Tiburtius.

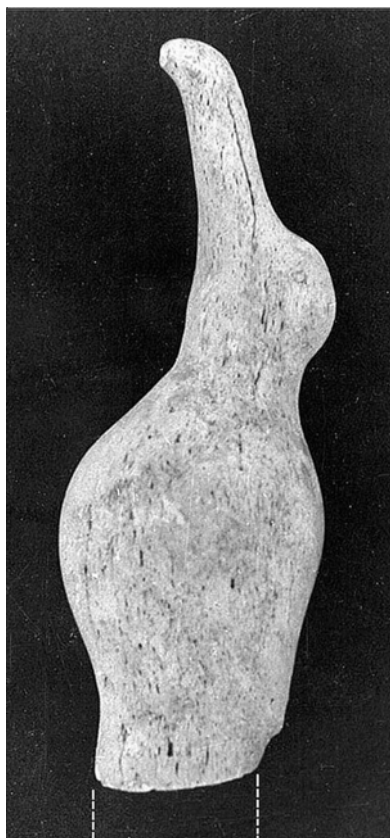


Figura 7. Zoósteo do Sambaqui de Matinhos depositado no Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá. Representa um albatroz e foi elaborado sobre osso de baleia. Corresponde à extremidade proximal de bastão (137mm de comprimento) (Foto: arquivo do CEPA/UFPR).

O pássaro trabalhado em osso de baleia, mostrado na publica-

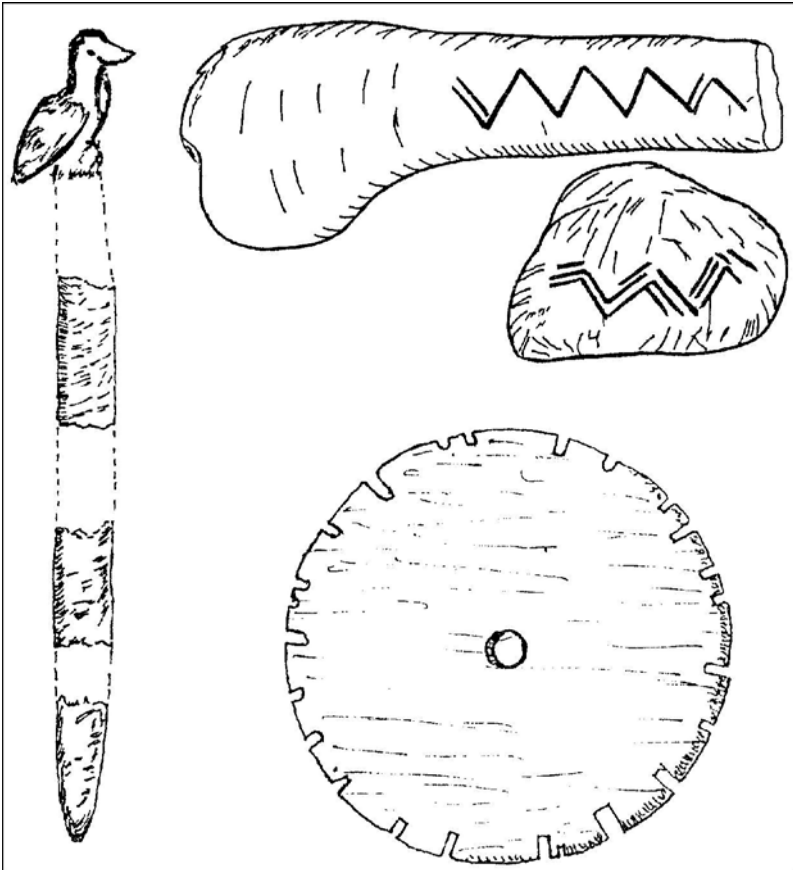


Figura 8. Artefatos ósseos do Sambaqui de Matinhos (Extraídos de BIGARELLA, 1991:23. Escalas diversas). Reconstituição de bastão com extremidade proximal em forma de pássaro. Placas com incisões lineares em ziguezague. Disco perfurado com entalhes periféricos. As três últimas peças foram elaboradas sobre bulas timpânicas.

ção de 1960 como extremidade proximal de bastão, agora aparece com os fragmentos deste, numa tentativa de reconstituição. Uma rodela perfurada, com sulcos periféricos e uma placa ostentando linhas incisadas em ziguezague, ambas executadas em bula timpânica

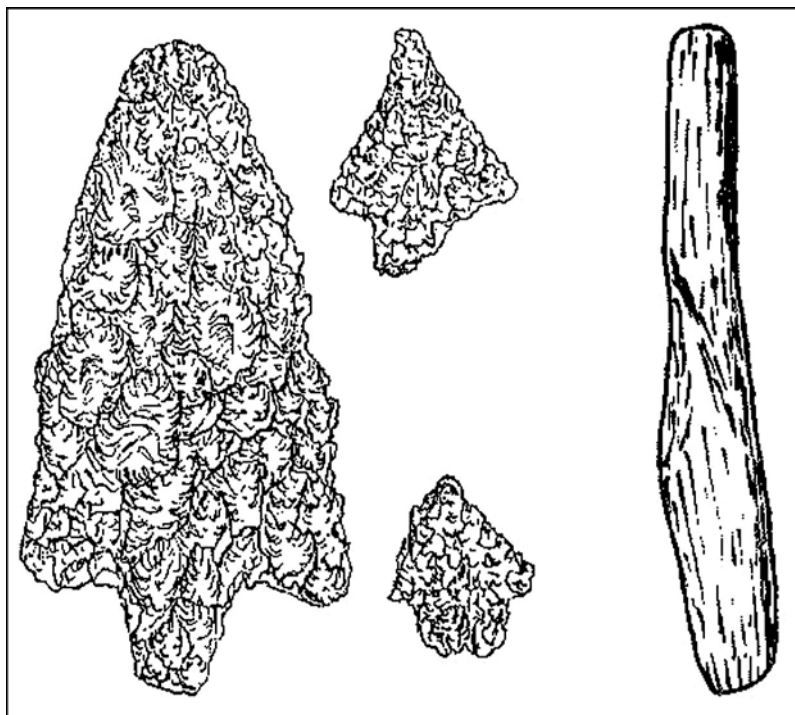


Figura 9. Artefatos líticos do Sambaqui de Matinhos (Extraídos de BIGARELLA, 1991:35 e 36. Escalas diversas). À esquerda, pontas de flechas pedunculadas; à direita, talhador de diabásio com 65cm de comprimento.

não haviam sido divulgadas (Fig. 8).

Inéditas, também, eram as representações das pontas de projéteis pedunculadas e do talhador lítico recolhidos no sambaqui por Guilherme Tiburtius (Fig. 9).

Na mesma publicação, em uma das fotos apresentadas, percebe-se a estratificação do sítio, que era do tipo “sujo” e composto predominantemente por valvas de berbigão e ostra (Fig. 10).

Sobre a composição malacológica do sambaqui, já existia uma caracterização proporcionada por Carlos N. GOFFERJÉ (1950: 282), com base em arrolamento feito por João José BIGARELLA



Figura 10. Aspecto do Sambaqui de Matinhos na época da pesquisa de José Loureiro Fernandes (Extraída de BIGARELLA, 1991:31).

(1949:95), indicando a predominância da fauna procedente de ambiente lacunar e de mangue.

Na caderneta de campo de Loureiro Fernandes há uma referência à coleta que efetuou em princípios de 1945, juntamente com o barão Otorino de Fiore, da “...fauna de moluscos, inclusive da microfauna do Sambaqui de Matinhos” (Arquivo do CEPA).

As circunstâncias em que foram obtidos os dados sobre o sambaqui refletem o estado de coisas vigente numa época em que não havia recursos financeiros para trabalhos sistemáticos, pessoal especializado e nem um mecanismo legal que impedisse a desordenada e crescente destruição de sítios arqueológicos não só no Paraná, mas em todo o Brasil. Dezenas de sambaquis foram desmontados, por exemplo, pela Diretoria de Obras e Viação do Estado do Paraná, entre as décadas de 1930 e 1950. Muitos outros foram transformados em cal, prática secularmente adotada no País.

As pesquisas realizadas por Loureiro Fernandes em sambaquis paranaenses, especialmente no de Matinhos desencadearam, pelos poderes públicos, medidas visando a sustação da sua desordenada destruição. “**Da campanha resultou a criação** (na Secretaria de

Educação e Cultura) de uma Divisão de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, a nomeação de um Conselho de Defesa do mesmo Patrimônio e, posteriormente, a promulgação do decreto nº 1.346 de 29 de maio de 1951, o qual reservou para fins de pesquisas de proto-história os sambaquis existentes no litoral paranaense” (FERNANDES, 1959:II).

Apesar da carência de recursos financeiros, a Divisão de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná iniciou o levantamento dos sambaquis Paranaenses, para posterior tombamento, com a colaboração de João José Bigarella.

As gestões de Loureiro Fernandes continuaram, juntamente com pesquisadores de outros estados brasileiros, no sentido de que se impedisse a destruição, multilação e pesquisa clandestina dos sítios arqueológicos. Graças aos esforços dispendidos por esse grupo surgiu, em 27 de junho de 1961, a Lei nº 3.924, que dispõe sobre o patrimônio arqueológico nacional.

O SAMBAQUI DE MATINHOS

Mesmo considerado destruído em 1967, quando se iniciou o cadastramento sistemático dos sítios arqueológicos paranaenses no âmbito do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, o Sambaqui de Matinhos foi registrado. Integrou a área PR P e recebeu o número 27.

Com base nas informações e cartografia publicados por Loureiro FERNANDES (1955:579), estabeleceu-se que o sambaqui estava situado a 900m de distância do oceano Atlântico, a 142m da margem direita do rio Matinhos e a 22m da margem direita de um afluente. Na base, o sítio media 53m no sentido NW-SE e 48m do sentido NE-SW; tinha uma altura aproximada de 10m (Figs. 11 e 12).

Quanto ao aspecto geral do sítio, assim se referiu Loureiro Fernandes:

Embora, sob o ponto de vista da tipologia, os sambaquis ofereçam várias formas e tamanhos, temos tentado, também, no Paraná, relacioná-los, grosso modo, aos grupos caracterizados pelo Prof. Otorino de Fiore, nos seus estudos em sam-



Figura 11. Localização do Sambaqui de Matinhos. (Extraída de FERNANDES, 1955). O esboço foi elaborado pelo próprio autor.

*baquis paulistas.*¹

*Dentro desse critério o sambaqui de Matinhos deveria ser classificado como pertencente ao terceiro tipo, pois, enquanto “que nos primeiros dois tipos a característica é a acumulação das conchas, que sendo pouco cimentadas, constitui uma massa extremamente friável e homogênea, nesse terceiro tipo a massa é constituída de detritos de conchas agregadas por lodo argiloso, areia e entremeada de camadas, às vezes potentes, de cinzas e carvão, de ossos queimados e conchas calcinadas”.*²

¹ Barão de Fiore, “Sambaquis e içaçabas no Estado de São Paulo”, *Vida Portuguesa*, nº 18, dezembro de 1939, pág. 269 a 280 (Nota de Loureiro Fernandes).

² É um tipo de sambaqui a que os praieiros chamam de casqueiro sujo, ao passo que aos dois primeiros tipos chamam de casqueiros limpos. Os primeiros são os melhores sob o ponto de vista arqueológico (N. de Loureiro Fernandes).

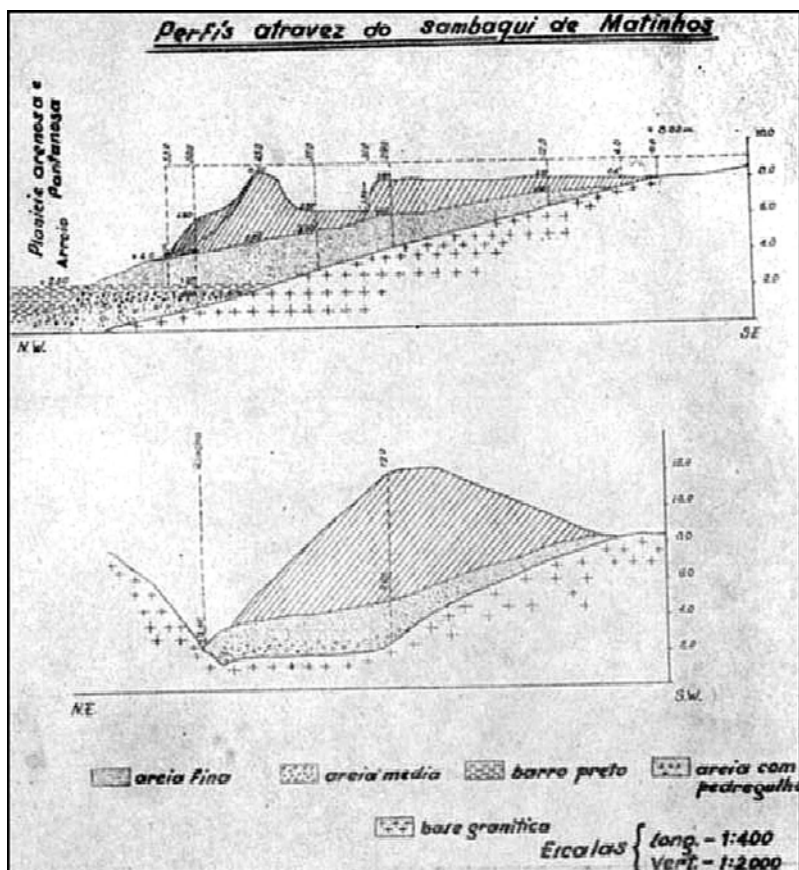


Figura 12. Perfis através do Sambaqui de Matinhos (Extraídos de FERNANDES, 1955). Desenhos realizados por Rodolfo Doubek, com base em levantamentos de Reinhard Maack.

É, pois, sambaqui estratificado, constituído pela presença de freqüentes camadas de cinzas e carvões, bem definidas, a separar camadas de conchas quase limpas. Estratificação essa, horizontal no centro e inclinada para as margens; estrutura quase transversal. Indubitável é a presença de vestígios de grandes fogueiras, sob as quais se acham restos humanos,

cumpre notar que os crânios estão quase sempre quebrados, bem como os ossos longos, pelo deslocamento e pressão dos estratos suprajacentes. (1955:581-2).

Com relação à fauna:

*No sambaqui de Matinhos - pertencente ao grupo dos mais próximos da orla oceânica - constituem as valvas de *Anomalocardia brasiliana*, a fauna predominante; como fauna acessória figuram exemplares dos gêneros *Ostrea* e *Lucina*. Nesses sambaquis, freqüentemente, como fauna acidental figuram também, moluscos do gênero *Thais* e *Tivela*.*

Na denominada fauna acidental, devemos também arrolar, no sambaqui de Matinhos os ossos de baleia, de peixes e de vertebrados terrestres, estes extremamente raros. Como elementos desta fauna acidental encontraram-se também vestígios de carapaças e pinças de crustáceos.

O material marinho é abundantemente encontrado entre as cinzas e carvões, índices de antigas fogueiras, extremamente freqüentes no sambaqui de Matinhos.

*A fauna acidental terrestre parecia bastante rara no sector estudado: dos invertebrados, foram encontrados caracóis do gênero *Strophocheilus*, dos vertebrados, ossos de aves peral-tas e ossos e crânio de um roedor (*Hydrochoerus capibara*). (1955:582).*

A descrição do setor escavado:

Na impossibilidade de um trabalho sistemático de arqueólogo, procurando salvar algum material antropológico de sambaqui que vinha sendo destruído, tivemos um entendimento com o Departamento Estadual, que retirava o material do casqueiro, para deixar isolado no sector sudoeste do sambaqui de Matinhos um bloco, de cujas vizinhanças fôra retirado material malacológico contendo ossadas humanas. Este bloco, situado ao lado do caminho para o Indaial, na sua porção SSW apresentava um corte, resultante de anterior retirada de material, que se nos afigurou particularmente prático e útil

para a observação das ossadas.

Trabalhando em precárias condições, tentamos, tendo em mira um estudo de ossadas, situar numa grosseira posição estratigráfica, os achados ósseos, tomando por referência no sambaqui, particularmente, a sua superfície e base.

Buscando referências relativas, de profundidade, para os sepultamentos é que assim procedemos, pois a nossa observação abrangia um bloco de cerca de 14 metros quadrados por uma altura que variou entre 3,20 mts e 3,60 mts.

Na porção média do referido corte, à margem do caminho, é que foram iniciadas as pesquisas. Neste local o sambaqui tinha, da base, a altura de 3,10 mts, contrapondo-se à sua porção noroeste onde atingia cerca de dez metros. A parte explorada estava em plena massa central do sambaqui, pois, grande porção da orla há muito havia sido removida para facilitar o caminho para o Indaial e também para utilização do material para revestimento de estradas.

Ao corte, à margem do caminho, percebiam-se os estratos de conchas, na parte superior abaixo da camada de humus com sua estrutura um pouco modificada pela intrusão de humus e de abundantes raízes e múltiplas radículas; a seguir, os estratos de conchas sucediam-se com nitidez até uns 20 cms da base do sambaqui, constituída no corte por uma massa calcárea com o solo argilo-arenoso. Os últimos estratos, numa altura de 30 cms acima desse solo, embora ainda apresentassem algumas conchas perfeitamente individualizadas, eram constituídos, na sua maior parte, de conchas alteradas, muito úmidas representando, por vezes, um verdadeiro conglomerado de calcáreo, argila e lodo.

Louvido nesses particulares aspectos, que apresentavam os estratos de conchas utilizamos para referência da situação dos esqueletos, uma divisão do sambaqui em 3 camadas:

a) A **camada superficial**, parte alta onde os estratos conchíferos se acham modificados, pela presença de humus e particularmente pela presença de uma larga rede de elementos radiculares oriundos da vegetação que existia na superfície do sambaqui. A ação desses elementos estendia-se por vezes

até 70 cms de profundidade.

b) A **camada central**, constituída por numerosos estratos, perfeitamente definidos, de conchas limpas, cinzas e carvões, estratos esses, na zona que trabalhamos, acumulavam-se numa altura de 2 mts a 2,30. Noutros pontos como a NO, a sua espessura atingia até 8 mts.

c) A **camada profunda**, na qual as conchas parcialmente destruídas encontram-se misturadas com areia e argila, mescla argilo-lodosa, que transformava os estratos num magma calcáreo de cerca de 20 cms de espessura. (1955:582-4).

Na camada superficial os sinais de perturbação eram evidentes pois, lâminas de machados, fragmentos de tijolos coloniais e cachimbo de barro foram encontrados nas pesquisas. No local, há mais de dez anos, praticavam-se roças de milho e feijão.

Na época da pesquisa, o sítio estava coberto por uma vegetação de pequeno porte; mesmo assim, as raízes das árvores penetravam até os estratos superiores da camada central, prejudicando alguns enterramentos.

Na camada central do sambaqui, conforme Loureiro Fernandes:

... a sucessão dos estratos se tornava perfeitamente observável. A alternância das camadas de valvas de moluscos com as de cinzas, sobretudo, quando estas eram mais largas e enegrecidas pelo carvão, chamava até a atenção dos próprios praianos.

*A espessura, aliás, destas camadas de conchas e cinzas, era variável, mas o elemento predominante eram as valvas de berbigão (*Anomalocardia brasiliiana*). De permeio com as cinzas e carvões encontravam-se abundantes ossos e espinhas de peixes, e algumas carapaças e pinças de crustáceos.*

Era sobretudo na parte média dos estratos da camada central que eram mais manifestos os vestígios de grandes fogueiras pelos seus remanescentes de cinzas e carvões. Por várias vezes encontramos sementes de frutos de palmeiras carbonizadas no seu interior, de permeio com abundantes vértebras e espinhas de peixes. (1955:585).

Embora o escopo da publicação de Loureiro Fernandes tenha sido a análise dos enterramentos no Sambaqui de Matinhos, algumas informações existem sobre artefatos líticos. Esses elementos serão considerados mais adiante.

AS NOVAS PESQUISAS

O trecho selecionado para a escavação de 1977 situava-se entre a parede sul da habitação em construção e um galpão de madeira. A primeira construção já se encontrava em nível rebaixado do terreno e, a segunda, sobre a superfície com remanescentes do sambaqui. Tal escolha foi em função do recente achado de ossos humanos, visíveis no perfil do corte do terreno rebaixado e por ser esse o único pedaço da área sem obstáculos, seja por construção, seja por árvores.

Poucos metros a nordeste da quadra escavada o terreno sofria um declive acentuado, formando uma vertente que conduzia as águas do Morro do Sambaqui a um pequeno subafluente do rio Matinhos. A sudoeste o terreno era mais regular e coberto por vegetação arbórea, mas apresentava muitas perturbações pela retirada dos restos do sambaqui e areia. Estava cercado e pertencia a outro proprietário.

Na quadra, o depósito foi retirado em níveis artificiais de 10cm de espessura e posteriormente de 20cm, até a profundidade de 1,10m (Fig.13). Observou-se que geralmente até 20cm de profundidade o sedimento areno-argiloso de coloração cinza-escuro estava repleto de valvas de **Anomalocardia brasiliana** (berbigão), algumas de **Ostrea sp** (ostra) e raras de **Lucina jamaicensis** (amejoa), e ainda alguns ossos de peixes, fragmentos de carapaças e pinças de crustáceos, e poucos de baleia e pássaros. A espessura desta camada era variável, atingindo pouco mais de 20cm junto à parede SW da quadra e pouco mais de 10cm em algumas partes da porção central da mesma. As maiores espessuras foram notadas junto aos fogões. Nos primeiros 5cm da camada as conchas estavam mais soltas e limpas, em consequência das chuvas.

Entre 20 e 40cm de profundidade os sedimentos eram caracterizados por areia argilosa cinza-escuro contendo valvas de **Ostrea sp** e poucas de **Anomalocardia brasiliana**, esparsamente distribuídas, às vezes formando concentrações. Os ossos de peixes, baleia e

pássaros continuavam ocorrendo normalmente, mais freqüentes os primeiros e mais raros os últimos. Também esta camada de areia argilosa variava quanto à espessura nas diversas partes da quadra.

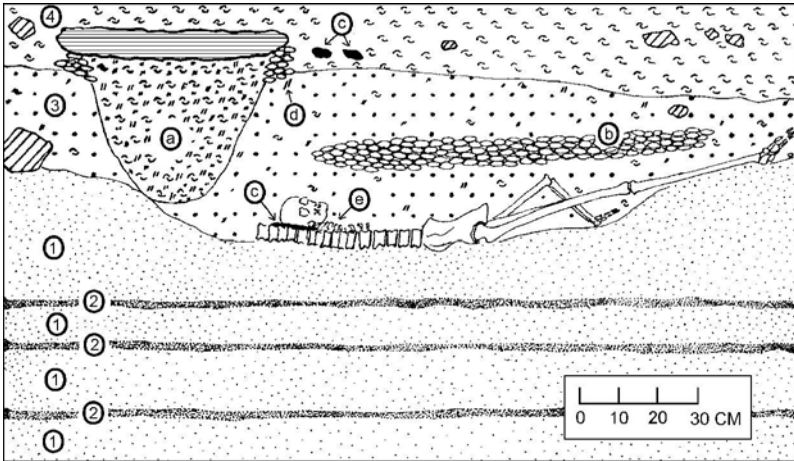


Figura 13. Estratigrafia registrada no sítio PR P 31: Sambaqui de Matinhos, através da estrutura funerária, no sentido leste-oeste. 1, embasamento de areia amarelo-claro muito friável; 2, estrato de areia avermelhada compacta; 3, camada de areia argilosa cinza-escuro contendo restos de fauna e indícios arqueológicos; 4, camada de areia argilosa cinza-escuro saturada de restos de fauna e com alguns indícios arqueológicos; a, fossa repleta de valvas de *Anomalocardia brasiliana*, ladeada por valvas de *Ostrea sp.* e coberta por placa de argila; b, lente formada por valvas de *Ostrea sp.*; c, placas de argila vermelha; d, pendente de bula timpânica; e, pendentes de dente de tubarão.

Após a camada de areia argilosa, surgiu uma camada de areia de cor amarelo-claro que se aprofundava até 75cm. No limite desta camada com a anterior estavam esqueletos humanos. A areia clara era extremamente friável, sendo facilmente carregada quando chovia.

A camada de areia amarelo-claro foi interrompida por um estrato horizontal de areia avermelhada com 2 ou 2,5cm de espessura.

Abaixo deste estrato, novamente surgiu uma camada de areia amarelo-claro com aproximadamente 10cm de espessura. Esta, por sua vez, foi interrompida por outro estrato de areia avermelhada, com a mesma espessura do anterior. Prosseguindo a escavação, encontrou-se outra camada de areia amarelo-claro com 15cm de espessura, que também foi interrompida por mais um e derradeiro estrato de areia avermelhada com 2cm de espessura. Depois, para baixo, a areia continuou friável e de cor amarelo-claro, sem novas interrupções.

Nenhuma evidência arqueológica ou de restos de fauna foram encontrados além da profundidade ocupada pelos esqueletos humanos.

OUTROS INDÍCIOS ARQUEOLÓGICOS.

Já no início da escavação, aos 10cm de profundidade, começaram a se evidenciar algumas estruturas, que se tornaram bem definidas aos 20cm: um fogão composto por pedras dispostas em elipse, cujos diâmetros mediam 90 x 70cm, no canto SW da quadra (Fig. 14).



Figura 14. Fogão com pedras evidenciado no canto sudoeste da quadra. Verifica-se a diminuição dos restos de fauna na periferia do fogão, no início da camada 3.

As pedras estavam gretadas; entre elas e na sua periferia havia grande quantidade de ossos de peixes, alguns carbonizados, valvas de moluscos, algumas calcinadas, e carvões. Este conjunto se tornava cônico à medida em que as escavações prosseguiam e atingiu a profundidade de 50cm (Fig. 15).

No canto NE outra estrutura foi descoberta: começava aos 10cm e era constituída por uma placa circular de argila cinza-escuro com 50cm de diâmetro. Esta placa, que media entre 10 e 15cm de espessura, cobria uma fossa cônica repleta de valvas de **Anomalocardia brasiliiana** até a profundidade de 50cm. Em torno da placa de argila, já na sua base, havia uma camada de valvas de **Ostrea sp** (Fig. 13).



Figura 15. Perfil das paredes oeste e sul. Junto à primeira, nota-se o aprofundamento cônico do fogão mostrado na figura anterior. A base da quadra corresponde ao solo arenoso estéril.

Esparsos pela quadra estavam blocos, lascas de rochas, alguns artefatos líticos, ossos de peixes, de baleia e pássaros, além de dois pedaços de argila vermelha junto à parede N, nas proximida-

des da fossa.

Aos 30cm de profundidade, já na camada de areia argilosa cinza-escuro, novo fogão de pedras foi registrado. Media 60cm de diâmetro e estava no canto SE da quadra. Comportou-se como o fogão registrado anteriormente e atingiu a profundidade de 55cm. Nas suas proximidades havia uma concentração circular de valvas de **Anomacardia brasiliiana**.

Outra concentração de valvas, desta vez de **Ostrea sp**, foi encontrada junto ao canto NW da quadra; dispunha-se longitudinalmente, ao longo da parede.

No espaço restante, espalhados isoladamente, estavam blocos e lascas de pedra, ossos de peixes, baleia, pinças de crustáceos e alguns artefatos.

OS ESQUELETOS HUMANOS

No lado NW da quadra, sob a fossa, o aglomerado de valvas de **Ostrea sp** e os pedaços de argila vermelha, foram registrados os restos esqueléticos de dois indivíduos estendidos. Estavam a uma profundidade de 60cm. A porção inferior dos esqueletos jazia sobre a areia amarelo-claro, enquanto que a superior estava recoberta pela areia argilosa cinza-escuro da camada suprajacente. Na estratigrafia era visível a escavação que fora praticada na areia clara para a deposição dos corpos. Estes, uma vez colocados na cova aberta na areia clara, que representa o embasamento do sambaqui, foram cobertos com os sedimentos enegrecidos e mais os resíduos de alimentação que se acumulavam no sítio em formação (Fig. 13).

O conjunto funerário era constituído pelo esqueleto de um adulto, em decúbito dorsal e pernas estendidas. Estas estavam um pouco levantadas, cerca de 25cm em relação à horizontalidade do resto do corpo. A extremidade superior do esqueleto, no seu lado direito, havia sofrido perturbação quando da terraplanagem do terreno. Estavam ausentes o crânio, algumas vértebras cervicais, a clavícula, a escápula, o úmero, a ulna, o rádio e quase todas as costelas. Apenas os ossos da mão direita permaneceram, pois repousavam sobre o sacro, inferindo a posição do braço, que seria ao longo do corpo, um pouco fletido. Os outros ossos do esqueleto estavam presentes, em boas

condições e articulados. O eixo do corpo era em sentido ENE-WSW.

O segundo esqueleto do conjunto funerário era o de uma criança, e as suas condições de conservação eram mais precárias que as do primeiro, com muitos ossos esmagados, mas que encontravam-se ainda, em grande parte articulados. A criança foi depositada sobre o braço esquerdo e ao lado do tronco do adulto. A sua cabeça repousou sobre o ombro e o pescoço do primeiro indivíduo. O antebraço deste estava pouco flexionado, ainda sob o corpo do pequeno, permanecendo a mão espalmada por baixo da sua bacia. A perna direita da criança estava um pouco dobrada e sob a esquerda da do adulto, enquanto que a esquerda, mais flexionada, mantinha o joelho levantado (Figs. 16 e 17).



Figura 16. Detalhe da associação dos esqueletos e da cova na qual foram depositados, cujo contorno contrasta com o embasamento arenoso claro.

Uma placa de argila vermelha foi registrada entre os dois esqueletos, justamente na área do adulto em que o crânio da criança se apoiava. Desse contato não resultou tingimento dos ossos em ne-



Figura 17. Detalhe do conjunto funerário, mostrando a disposição dos membros inferiores dos esqueletos.

num dos indivíduos.

Dois dentes perfurados de tubarão foram, ainda, encontrados à direita do esterno da criança.

É possível que um pendente de bula timpânica encontrado junto à fossa e, pouco acima do conjunto de esqueletos faça parte da estrutura funerária.

Entre o material recolhido pelos operários estavam fragmentos de crânios, além de ossos de outras partes de esqueletos. Todos pertenceram a indivíduos adultos e mostravam-se muito danificados. Em ambas as faces de quatro fragmentos de calota craniana e um de mandíbula, observou-se aderência de pigmentos avermelhados. Em uma falange e, em oito fragmentos de fêmures e tíbias ocorreram, também, o mesmo tingimento.

Pensava-se, no momento da pesquisa, que os restos de um dos crânios fosse do esqueleto escavado. Anos mais tarde, porém, o proprietário do terreno entregou aos autores, nas dependências do

CEPA/UFPR, um crânio humano. Explicou que o crânio havia sido exposto e recolhido em 1976, quando da modelagem do terreno e que pertencia ao esqueleto escavado posteriormente. Tendo a intenção de guardá-lo como lembrança, nele chegou a praticar restaurações com adesivo Araldite e massa de vidraceiro. Resolveu, finalmente, prestar as informações sobre o ocorrido e completar, com a entrega, o esqueleto que aqui permanecia desfalcado. Mesmo assim, ficaram faltando algumas das peças ósseas acima arroladas.



Figura 18: Crânios exumados no Sambaqui de Matinhos. No alto, adulto, norma frontal e norma lateral; embaixo, infantil, norma frontal e norma lateral. Neste, a seta indica anomalia.

Esse crânio é masculino e robusto, uma característica que já havia sido observada nos demais ossos do seu esqueleto. As suturas são bem visíveis no topo, entre os ossos parietais e frontal e, quase soldadas nas porções inferiores, entre os parietais e occipital.

A dentição apresenta-se completa na mandíbula e na maxila, mas mostra acentuado desgaste por abrasão. A falta de incisivo, canino e pré-molar, na maxila, deveu-se a quebra posterior (Fig. 18).

No crânio da criança, restaurado em laboratório, as suturas estão bem visíveis. A dentição é a de leite, obedecendo a fórmula:

$i_2^2 \cdot c_1^1 \cdot m_2^2 = \frac{5}{5} \times 2 = 20$. Nos extremos da mandíbula e da maxila, notam-se dois molares parcialmente oclusos. Todos os dentes ativos mostram desgaste inicial.

No frontal desse crânio, pouco acima das cavidades orbitárias, existe uma pequena depressão de formato ligeiramente elíptico (Fig. 18). O osso está rompido na periferia da depressão e esmagado no seu interior. Na parede interna do frontal, na porção correspondente à depressão externa, também há ruptura óssea. Não se verifica reabsorção óssea nas áreas fraturadas.

Essas evidências indicam que o indivíduo foi golpeado em vida, com objeto de ponta rombuda.³

O MATERIAL LÍTICO

Das 257 evidências líticas procedentes do sítio, a maioria corresponde às pedras gretadas que formavam os fogões (56,31%) e aos fragmentos atípicos (23,73%), isto é, os estilhaços desprendidos das rochas em contato com o fogo, pequenos blocos e concreções

³ Imagens do crânio infantil foram analisadas por Walter Alves NEVES, do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos da Universidade de São Paulo. Utilizando os critérios descritos na literatura sobre fraturas perimortem, o especialista admite a possibilidade do indivíduo ter sofrido, na região craniana frontal, um golpe por instrumento rombudo. Os indícios observados nas áreas da lesão, como a ruptura espiralada, da qual partem duas trincaduras radiais e, o afundamento da tábua interna, apontam para a fratura perimortem (Comunicação pessoal em 27 de Agosto de 2003).

lateríticas. Alguns seixos-rolados (nódulos) e, outras peças com lascamentos por percussão direta (núcleos esgotados) foram recolhidos. Nenhum apresenta vestígios de uso. Correspondem a 8,94% e 2,33% da coleção, respectivamente.

Apenas 5 lascas ocorreram, sendo das variedades: lasca simples com crosta (1,17%), lasca simples em forma de cunha (0,38%) e lasca preparada (0,38%); as duas primeiras variedades foram retiradas de seixos-rolados. Todas são de diabásio e apresentam ponto de percussão espatifado. Uma das lascas simples com crosta foi utilizada como **talhador**. Os lascamentos de uso são intensos e, atingem marginalmente ambas as faces do lado direito; o ângulo do bordo ativo varia de 70° a 80°. A peça, que foi retirada da camada situada entre 20 e 40cm de profundidade, mede 82 x 47 x 20mm.

Vinte núcleos estão com sinais de utilização (7,78%). Seis deles foram usados como **percutores**. Um foi coletado superficialmente, outro entre 0 e 10cm de profundidade e, quatro entre 20 e 40cm. Cinco são de diabásio e, um de gnaisse.

Os esmagamentos centralizados ocorrem nos lados e extremidades de 1, em ambas as extremidades de 1, em uma extremidade de 2 e, em uma extremidade e um lado de 1. O sexto percutor está fragmentado e gretado; os esmagamentos verificam-se na extremidade restante.

Três percutores apresentam sinais de uso associado: um como **bigorna**, ostentando picotes esparsos em ambas as faces, um como **abrasador plano**, mostrando amplo desgaste aplanado em um lado e, um como **alisador**, mostrando estreito desgaste aplanado em um lado.

As dimensões das peças variam de 65 x 60 x 50mm a 110 x 60 x 45mm.

Oito núcleos foram utilizados como **quebradores de coquinhos**. Cinco são em forma de seixos-rolados e três de blocos. O diabásio predomina, como matéria-prima desses instrumentos; somente um é de granito. Dois provieram do nível situado entre 0 e 10cm de profundidade, dois entre 10 e 20cm, dois entre 20 e 40cm e, dois entre 40 e 60cm.

As depressões circulares formadas em consequência do uso têm superfície áspera e ocorrem nas porções centrais de uma face das peças; em uma delas, excepcionalmente, há duas depressões

na mesma face. As concavidades medem de 20 a 45mm de diâmetro e, de 2 a 5mm de profundidade.

Duas peças estão fragmentadas e uma delas está, também, gretada.

Nove seixos-rolados mostram sinais de uso como **abrasadores planos**. Dois são de diabásio e, dois, de sienito. Um deles foi retirado do nível situado entre 0 e 10cm de profundidade, outros dois entre 10 e 20cm e, o quarto, entre 20 e 40cm.

Duas peças apresentam uma face aplanada, outra mostra o desgaste em uma face e um lado e, a quarta, em ambas as faces. Em uma das faces deste, existem impregnações de hematita.

Um dos abrasadores está completo, medindo 75 x 37 x 34mm; os outros são maiores, mas estão fragmentados. Um deles mede: ? (130) x 135 x 80mm.

Dois núcleos foram usados como **abrasadores côncavos**. Apresentam-se como seixo-rolado e bloco. A matéria-prima é diabásio em um e diorito em outro. Procedem dos níveis situados entre 10 e 20cm e 20 e 40cm de profundidade, respectivamente.

Ambos mostram uma face côncava em consequência de atrito. Medem: 85 x 45 x 35mm e 105 x 75 x 70mm.

O último núcleo utilizado refere-se a **material corante**. Foi recolhido na superfície do terreno e está representado por um fragmento de óxido de ferro, de formato tabular. Tem cor de vinho e mostra-se desgastado em ambas as faces, em um lado e em uma extremidade. Mede: 30 x 20 x 13mm.

Quatro fragmentos de núcleos têm porções de sua superfície com intenso alisamento e poderiam pertencer a artefatos retocados (1,56%). Dois são de diabásio, um de granito e um de diorito. Um deles foi coletado superficialmente, dois entre 20 e 40cm de profundidade e, o último, entre 40 e 60cm.

Três parecem ser fragmentos de lâminas de machados; uma delas conserva uma extremidade como talão reto e partes de uma face e um lado; das outras, restam partes das faces e lado. Em ambas, as faces são levemente convexas.

O quarto fragmento é em forma de placa, com faces que se ligam em ângulo agudo.

Entre as evidências líticas recolhidas superficialmente e, em profundidade, predominaram as de diabásio (52%), seguidas pelas de

basalto (16%). Menos representadas foram as de diorito, quartzito, gnaiss e granito.

O MATERIAL ÓSSEO

Superficialmente e, na escavação, foram recolhidas dezenas de ossos de peixes, baleias, pássaros e outros animais terrestres, como porco-do-mato. Representam restos alimentares encontrados, na maioria, fragmentados. Alguns deles estão carbonizados.

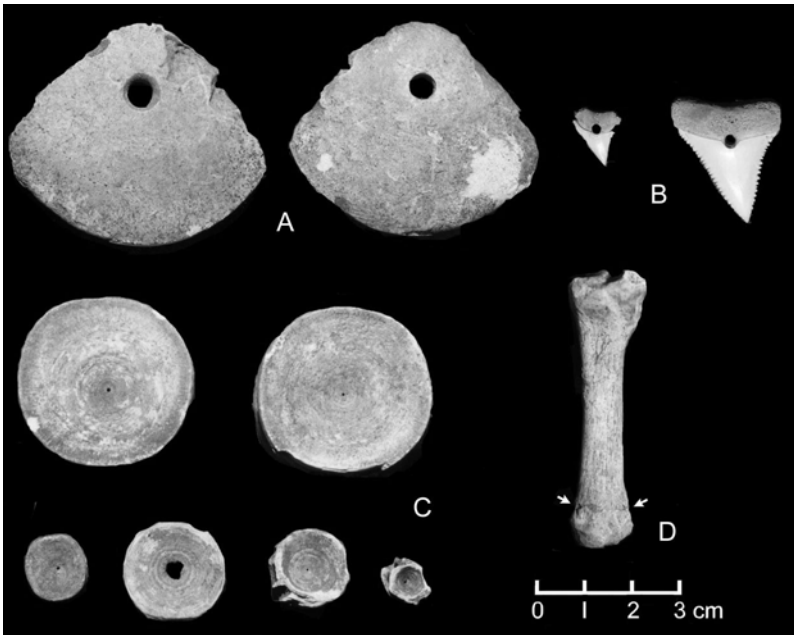


Figura 19: *Material ósseo do Sambaqui de Matinhos. A, anverso e verso de pente em bula timpânica; B, dentes de tubarão perfurados (pendentes); C, vértebras de peixe perfuradas (contas); D, osso de animal terrestre com incisão circundante.*

Doze peças mostram algum tipo de trabalho e foram classifica-

dos conforme a sua possível função.

Aos 25cm de profundidade, ao lado das ostras acumuladas externamente na porção superior da fossa, ocorreu um artefato perfurado. Foi confeccionado sobre bula timpânica de baleia. Uma face mostra-se polida; a oposta mantém a convexidade e rugosidade próprias da superfície externa da bula. O bordo da extremidade distal é convexo e recebeu alisamento, formando ângulo reto com a face polida. Os bordos laterais, que convergem em direção à extremidade proximal, são quase retos e formam ângulo agudo com a face polida. Na extremidade proximal há uma perfuração, executada por abrasão rotativa; esse movimento se deu a partir da face polida para a face rugosa. Na face polida a perfuração mede 7mm de diâmetro e, na oposta, 5mm. Este possível **pendente** mede 44,5mm de comprimento, 52mm de largura e 8mm de espessura máxima (Fig. 19, A).

Dois dentes de tubarão apresentam perfuração nas proximidades da raiz. Estavam junto ao esqueleto infantil, aos 55cm de profundidade. Não sofreram qualquer alteração na forma e medem 12 x 9 x 2mm e 26 x 22 x 4mm, respectivamente. Os furos destinados à suspensão desses **pendentes**, medem 2mm no menor e 3mm no maior (Fig. 19, B).

Seis vértebras de peixe com perfuração central foram recuperadas na escavação. Cinco delas estavam no nível situado entre 0 e 10cm de profundidade, uma entre 10 e 20cm e, uma entre 40 e 60cm. Nesta vértebra e, em outra, procedente do nível superficial, a perfuração atinge 4mm de diâmetro. Medem 21 e 23mm de diâmetro e 10 e 14mm de espessura, respectivamente. Nas demais, cujas dimensões variam de 13 x 8mm a 35 x 18mm, as perfurações que serviriam para fixá-las como **contas de colar** têm pouco mais de 1mm de diâmetro (Fig. 19, C).

Um osso longo de animal terrestre foi encontrado aos 40cm de profundidade e mostra, próximo à epífise distal, uma incisão fina e contínua para seccioná-lo perpendicularmente (Fig. 19, D). Um outro osso longo, retirado de nível de 0 a 10cm de profundidade, foi seccionado em uma extremidade. O seu estado fragmentário impede classificá-lo.

DADOS COMPARATIVOS E CONCLUSÕES PARCIAIS

Uma vez descritos os resultados das pesquisas mais recentes no Sambaqui de Matinhos, recorreremos novamente às observações feitas por Loureiro Fernandes sobre os indícios arqueológicos que constatou.

Vinte foram os esqueletos estudados por aquele autor no setor selecionado. Dois estavam nos estratos superiores da camada central, um deles 70cm abaixo da camada humosa (superficial), 13 nos estratos médios e inferiores da camada central e, 5 nos estratos bem inferiores da camada central e, na camada profunda.

Os dois esqueletos mais superficiais estavam em posição fetal; um deles em decúbito lateral direito. Em relação ao plano de base do sambaqui, a orientação do eixo do corpo era oblíqua em um e, perpendicular em outro. Ambos tinham a face voltada para leste.



Figura 20: Enterro secundário fotografado na base do Sambaqui de Matinhos (Extraída de FERNANDES, 1955:Fig. 3).

Foi observada uma certa uniformidade quanto à disposição dos esqueletos dos estratos médios e inferiores da camada central: 12 estavam em decúbito dorsal e, 1 apenas, em decúbito lateral direito. Quanto à disposição dos membros superiores, em nove casos achavam-se estendidos ao longo do corpo; em outros quatro, os membros estavam flexionados e repousavam sobre partes do tronco. Em geral, a orientação do eixo do corpo era no sentido noroeste-sudoeste, com a extremidade cefálica sempre voltada para o quadrante leste.

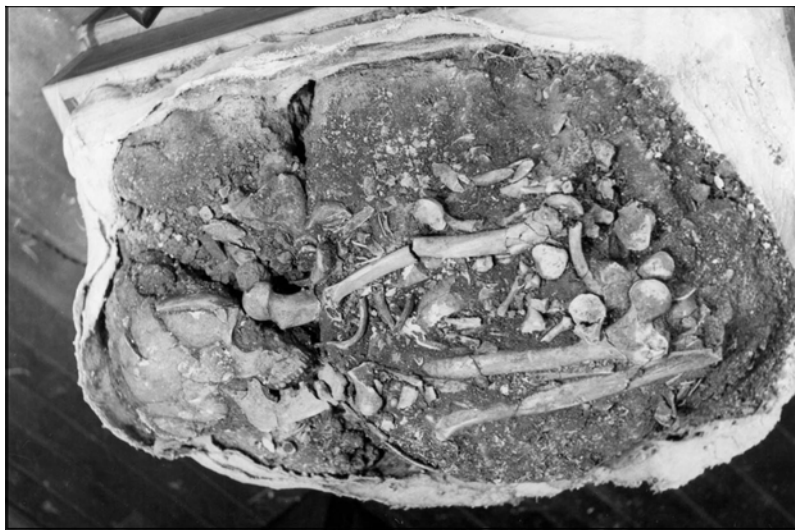


Figura 21. Bloco gessado contendo o enterro secundário da Figura 20, sendo preparado para estudo nas dependências do Museu Paranaense (Foto: arquivo do CEPA/UFPR).

Os registros existentes sobre os estratos bem inferiores da camada central e da camada profunda são importantes para as nossas comparações, pois essa porção do sambaqui corresponde, em parte, com a que pesquisamos. Nas palavras de Loureiro Fernandes:

Quando eliminávamos o restante do material constitutivo dos estratos inferiores da camada central, para atingir a camada profunda, deparamos com um conjunto de sepultamentos

representado por três esqueletos em decúbito dorsal e duas ossadas revelando sepultamentos secundários (Figs. 20 e 21).

A orientação observada nesses três esqueletos, encontrados nos estratos bem inferiores da camada central, diverge completamente da dos estratos situados mais acima.

Nos extremos inferiores da camada média, embora os esqueletos ainda ocupassem a mesma postura, decúbito dorsal, com os braços estendidos ao longo do corpo, a orientação do eixo do corpo era completamente diversa, sua diretriz era francamente WSW-ENE. As extremidades cefálicas, achavam-se voltadas para o quadrante oeste sudoeste, isto é, para o poente, em pleno contraste com os sepultamentos suprajacentes, nos quais, a cabeça era dirigida para o nascente. (1955:592-3).

Os outros dois esqueletos exemplificavam enterros secundários, pois:

... não guardavam as peças ósseas a habitual correspondência que têm sempre entre si certas partes dentre elas, em qualquer forma de sepultamentos primitivos, a qual havíamos podido confirmar nos demais sepultamentos estudados no sambaqui, mesmo em casos mais complexos, como no sepultamento de indivíduos emborcados. (1955:593).

Verificamos que há certa concordância na orientação dos esqueletos dos três indivíduos acima descritos, com os dois expostos recentemente. Nestes casos, porém, tomando-se em conta a extremidade cefálica de um, e a inferida pela posição do esqueleto de outro, apontadas para ENE, a orientação do eixo dos corpos era no sentido ENE-WSW e não WSW-ENE, como a que foi registrada por Loureiro Fernandes.

O mesmo autor observou também que sobre a delgada camada de conchas que recobria os esqueletos havia sempre vestígios de grande fogueira, supondo ser essa prática relacionada a um cerimonial, ou precaução dos vivos contra a decomposição de cadáveres, alertando ainda para o perigo de certas interpretações no que diz respeito à carbonização ou calcinação de ossos humanos (p. 585). Nas atuais pesquisas registramos fogões nos arredores do enterro e uma

fossa coberta por uma placa de argila preta repleta de valvas de **Anomalocardia brasiliana** e algumas de **Ostrea sp** junto à extremidade superior dos esqueletos. Uma concentração alongada de valvas de **Ostrea sp** estendia-se também um pouco acima dos esqueletos, acompanhando o eixo longitudinal de sua disposição. Sob o crânio da criança havia uma placa de argila vermelha. Com exceção dos fogões, que estavam um pouco afastados, acreditamos que as demais estruturas devem estar relacionadas ao enterro.

Em 1964, quando se preparava a mudança do Museu Paranaense da rua Buenos Aires para a nova sede na rua Treze de Maio, Loureiro Fernandes solicitou ao primeiro autor deste artigo o desmonte de um dos enterramentos por ele retirados do Sambaqui de Matinhos. O bloco contendo o esqueleto estava gessado na base, laterais e extremidades e, ainda protegido por uma caixa de madeira. As bandas gessadas da parte superior foram retiradas na época em que aquele pesquisador elaborou a nota apresentada durante o 31º Congresso Internacional de Americanistas, em São Paulo.⁴

O bloco apresentava uma rachadura no sentido transversal. Os ossos do esqueleto estavam expostos e mostravam-se muito fragmentados; conservavam-se, entretanto, articulados e passíveis de estudo. A operação foi documentada fotograficamente, por meio de esboço e anotações. Esses elementos serviram de base para a confecção da Figura 22. O esqueleto representado não é cópia fiel do estudado; procurou-se, nessa ilustração, demonstrar a disposição dos ossos, a associação de objetos e a composição das camadas que os suportavam.

Tratava-se de um dos quatro esqueletos encontrados nos extratos médios e inferiores da camada central, dispostos estendidos e com membros superiores flexionados. Pertenceu a um indivíduo adulto do sexo masculino, que foi depositado em decúbito dorsal. O braço direito estava estendido ao longo do corpo e, o esquerdo, um pouco flexionado, com a mão sobre o fêmur. Os membros inferiores também achavam-se estendidos, com os pés encostados.

⁴As análises de Loureiro Fernandes incluíram experimentações radiográficas (informação prestada por Oldemar BLASI, em 31 de Agosto de 2000). As radiografias por ele obtidas não foram localizadas nos arquivos do CEPA/UFPR.

A base do bloco era constituída por solo arenoso cinza-claro, com conchas moídas; esse solo era visível junto a uma parte dos ossos dos membros inferiores (Fig. 22, Símbolo 1). Sobre a camada 1, constatou-se a existência de um depósito compacto, formado por ossos de peixes; englobava parte dos ossos inferiores do esqueleto (Símbolo 2). Das porções medianas dos membros inferiores, estendendo-se até a altura do crânio, evidenciou-se uma camada formada por solo areno-argiloso marrom; sobre esta apoiavam-se as partes mencionadas do esqueleto (Símbolo 3). Na parte superior do esqueleto, a partir das porções medianas do tronco, foi constatada uma camada constituída por ossos de peixes repousando sobre a camada 1 e apoiando os ossos citados. Acima dela havia uma camada composta por conchas de **Anomalocardia brasiliana** (Símbolo 4).

Um disco perfurado, elaborado em bula timpânica de baleia, foi registrado na camada formada por ossos de peixes, abaixo da camada de conchas de **Anomalocardia brasiliana**, ao lado do temporal direito.

Quatro fragmentos de diabásio sem sinais de utilização situavam-se em pontos diferentes do bloco: um deles localizava-se ao lado do temporal esquerdo, na camada de conchas de **Anomalocardia brasiliana**, outros dois estavam ao lado das extremidades distais dos fêmures, ambos no sedimento arenoso; o último foi encontrado entre as extremidades distais das tíbias, na camada formada por ossos de peixes.

Um núcleo esgotado de diabásio ocorreu junto à fíbula direita, sobre a camada arenosa.

É possível que o disco perfurado e o núcleo esgotado constituam parte do mobiliário funerário. Embora não se tivesse uma visão mais ampla do entorno, as camadas detectadas durante o desmonte sugerem que os depósitos formados por ossos de peixes e conchas de **Anomalocardia brasiliana** em espaços definidos sejam intencionais e, portanto, integrantes do ritual funerário.

Poucas informações existem no trabalho de Loureiro Fernandes com relação a artefatos. A grande maioria estava nos estratos médios e inferiores da camada central, principalmente os grandes seixos com pequenas depressões rasas na sua porção central (Fig. 23). Junto aos restos humanos apenas dois registros: uma lâmina de machado ao lado do braço direito de um, e uma peça sob o esqueleto de outro.

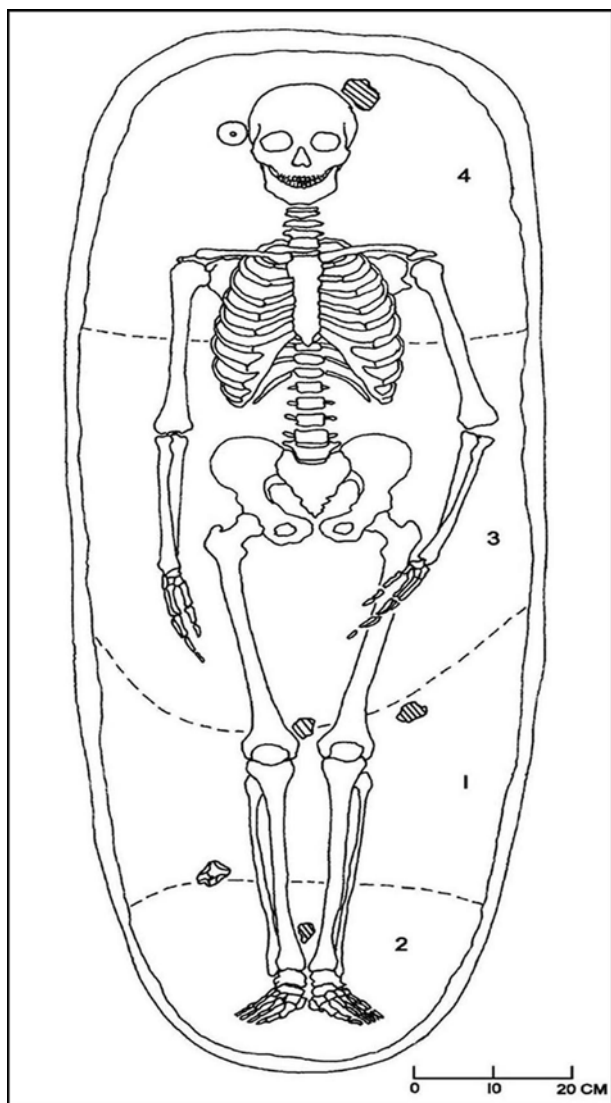


Figura 22: Representação de enterro primário do Sambaqui de Matinhos contido em bloco gessado por Loureiro Fernandes.

Ao descrever os seixos com depressões, comparando-os com as peças líticas do Museu Nacional de Copenhague e interpretadas como sinais cupuliformes, aquele autor alertou sobre a necessidade do abandono, no Brasil, da idéia predominante da sua finalidade utilitária; acreditava ser possível a sua correlação com enterros (p. 586).

Suas reflexões sobre a função dos seixos com depressões foram refutadas por José Anthero PEREIRA JÚNIOR (1960:5), que apresentou dezenas de peças líticas procedentes de sambaquis e sítios do planalto paulista, inclusive lâminas de machados com depressões e outros sinais resultantes de percussão.

Quatro pontas de flechas com pedúnculo e aletas foram coletadas no Sambaqui de Matinhos. Duas delas foram recuperadas na escavação e encontravam-se nos estratos bem superiores da camada central, na mesma profundidade de um dos enterros em posição fetal (Fig. 24). Outras pontas, com as mesmas características, haviam sido coletadas por Guilherme Tiburtius, mas sem controle estratigráfico (Fig. 9).

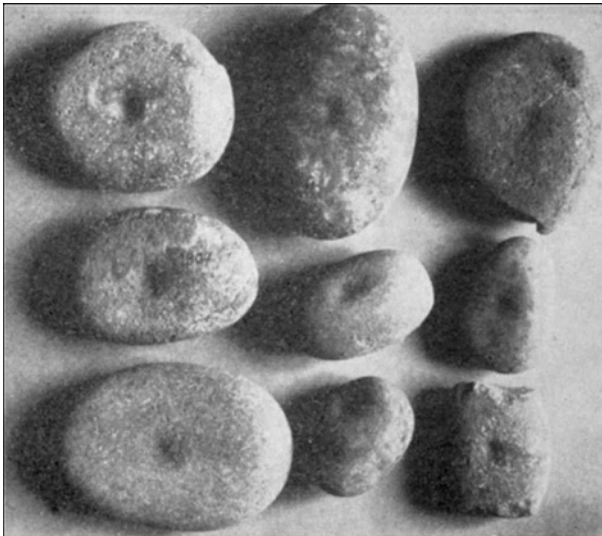


Figura 23. Líticos do Sambaqui de Matinhos, com "sinais cupuliformes" (Extraídos de FERNANDES, 1955: Fig. 1)

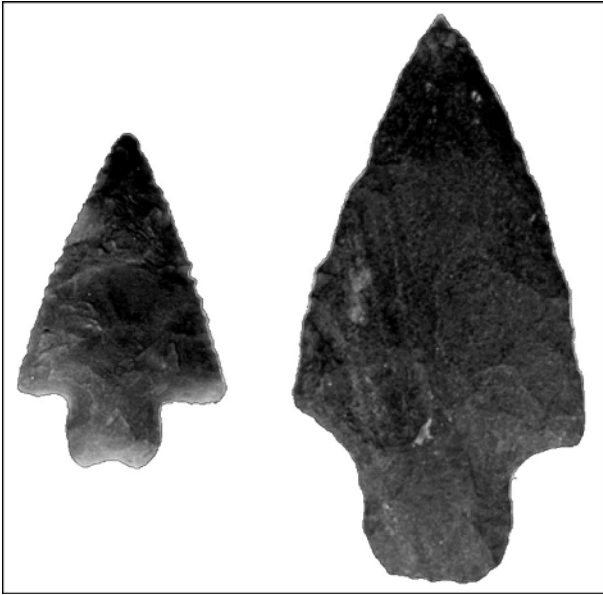


Figura 24. Pontas de flechas escavadas por Loureiro Fernandes nos estratos superiores da camada central do Sambaqui de Matinhos (Foto: arquivo do CEPA/UFPR).

Respaldo na ocorrência das pontas de flechas e, na presença de esqueletos em posição fetal somente na parte superior da camada central ou média, Loureiro Fernandes levantou a hipótese da superposição de povos no sambaqui trabalhado.

Anteriormente, considerando os artefatos dos sambaquis paranaenses “...**tão grosseiros quanto á forma e feitio, que tanto parecem demonstrar o início da arte de confecção de taes instrumentos como a primeira fase do seu fabrico**”, Romário MARTINS (1929:28) admitia a reocupação daqueles sítios, atribuindo aos índios Tupi a autoria de “...**machados (polidos), massêtes, pontas de flecha; como cerâmios - panellas, igaçabas, tijelas, etc.**”. Como exemplo dessa tecnologia mais evoluída, o autor ilustrou o seu artigo com a foto de uma ponta de flecha de quartzo hialino encontra-

da no Sambaqui do Goulart, no Município paranaense de Antonina.

As escavações realizadas sistematicamente pelo Instituto de Pesquisas e Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná em sambaquis paranaenses, à partir da década de 1950, nunca revelaram pontas de flechas com as características registradas no Sambaqui de Matinhos. Elas foram detectadas mais tarde, entretanto, em dois lugares do litoral, em meio a contextos diferentes dos apresentados pelos sambaquis. Um deles, o sítio PR P 31: Ribeirão, foi escavado nas proximidades do distrito de Alexandra, no Município de Paranaguá.

A estratigrafia desse sítio, representada na Figura 25, apresentou as seguintes características; 1, base arenosa, compacta e de cor marrom-escuro tendendo para o preto; 2, camada de areia marrom-claro, com 40cm de espessura; 3, camada de areia marrom-claro tendendo para o amarelo, com 12cm de espessura; 4, camada de areia cinza-claro, quase branca, medindo 20cm de espessura; 5, camada de areia marrom medindo de 55 a 60cm de espessura; 6-7, linhas inclinadas embutidas na camada 5, com espessuras variando de 1,5 a 2cm. A 6 era composta por areia cinza-claro e, a 7, por areia marrom-claro; 8, camada de areia marrom-escuro medindo de 55 a 60cm de espessura; 9, camada de areia humosa cinza-escuro medindo de 5 a 6cm de espessura.

O material arqueológico foi encontrado desde as porções medianas da camada 4 até a base da camada 2, entre 130 e 190cm de profundidade, juntamente com esparsos fragmentos de carvão. Restos da fauna marinha ou terrestre não foram registrados.

Os artefatos líticos referem-se a pontas de flechas pedunculadas com aletas, pontas foliáceas, folhas bifaciais, raspadores de vários tipos, inclusive em forma de lesma e, facas elaborados em lascas e lâminas (Fig.25, a-g). Sobre núcleos, foram detectadas lâminas de machados (Fig.25, h). Outros núcleos foram usados como percutores, trituradores, talhadores e quebradores de coquinhos. Os artefatos receberam retoques escamados, escamados progressivos e paralelos (CHMYZ, 1975:81).

O outro sítio foi descoberto por João José Bigarella, nas proximidades do Sambaqui de Matinhos, junto ao Morro Escalvado. Alguns artefatos foram por ele recolhidos superficialmente, entre os quais pontas de flechas pedunculadas com aletas. A esse autor devemos,

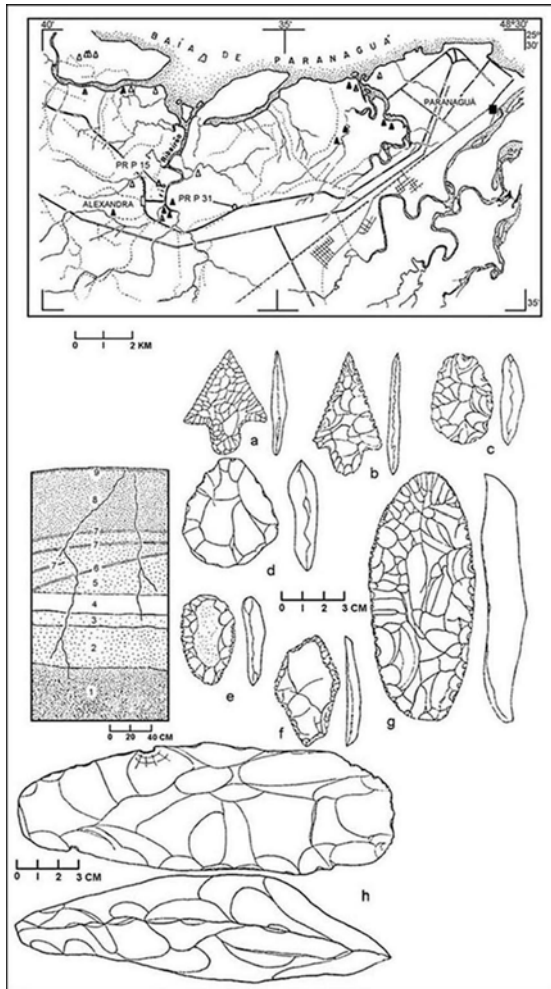


Figura 25. Localização do sítio PR P 31: Ribeirão, sua estratigrafia e traços arqueológicos diagnósticos (Extraído de CHMYZ, 1975: Fig. 1).

ainda, o registro da estratigrafia do sítio, que reproduzimos na Figura 26 e, uma breve avaliação do seu conteúdo:

... In a restricted area occurs about 1m below the surface a cultural layer with artefacts in a dark brownish sand layer, which seems to correspond to the one of Alexandra (PR P 31). (BIGARELLA, BIGARELLA e JOST, 1975:305).

Durante as escavações no Sambaqui de Matinhos, os autores deste artigo visitaram o local revelado por Bigarella, realizando registros complementares e efetuando coleta superficial de artefatos e resíduos de lascamento.

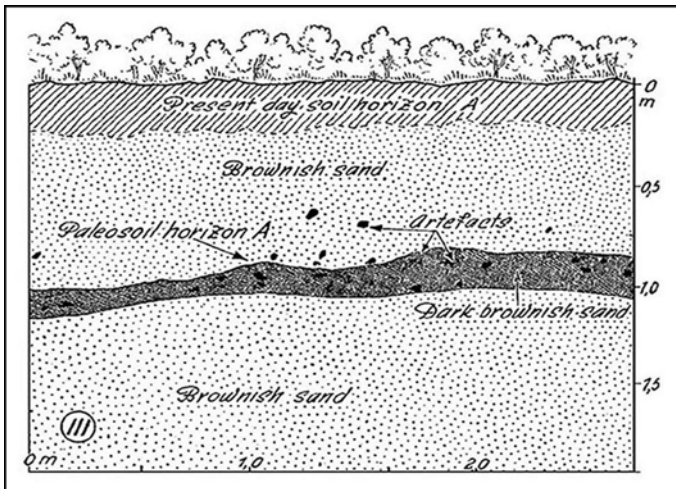


Figura 26. Estratigrafia do sítio PR P 41: Leonel (Extraída de BIGARELLA, BIGARELLA e JOST, 1975:Fig. 27).

Esse sítio, cadastrado como PR P 41: Leonel, encontrava-se ao lado da estrada para Sertãozinho (Indaial), no sopé do morro citado, a cerca de 1.100m de distância do Sambaqui de Matinhos (Fig. 27). Estava ocupado por construções. Uma das casas, cuja parte frontal do terreno havia sido rebaixada em direção à beira da estrada, encontrava-se sobre a porção central do sítio e, no barranco formado era visível a sua estratigrafia.

O material recolhido apresenta similaridade com o sítio PR P 31: Ribeirão, se bem que as lâminas de machados tenham sido mais

numerosas.

A hipótese levantada por Loureiro Fernandes, com relação à reocupação do Sambaqui de Matinhos, adquire consistência com os novos achados, embora nos pareça que os indícios por ele percebidos nos estratos superiores da camada média não estivessem ligados à estrutura do concheiro propriamente dito.

Com uma economia que não incluía frutos do mar e, possivelmente, outros animais marinhos, os caçadores-coletores generalizados identificados no litoral através dos sítios PR P 31 e PR P 41 devem ter ocupado esporadicamente a superfície de sambaquis abandonados por seus formadores, como parece ter acontecido no de Matinhos.

Indícios de outras ocupações ocorridas posteriormente ao abandono do sambaqui foram detectados no Paraná e Santa Catarina e dizem respeito à tradição Itararé (CHMYZ, 1976:27) e, à tradição pré-cerâmica Itaipu. Esta foi constatada na camada superficial do sítio PR P 14: Sambaqui do Toral, localizado no Distrito de Alexandra, em Paranaguá. Ambas referem-se a grupos com economias diferentes daquela ligada aos estruturadores dos sambaquis.

Na superfície de sambaquis são encontrados, também, evidências mais recentes deixadas pelos caiçaras, que nela se estabeleceram ou praticavam suas roças. Esta constatação, inclusive, foi feita por Loureiro Fernandes na camada superficial do Sambaqui de Matinhos; os objetos que encontrou resultaram da prática agrícola de morador local, com quem chegou a conversar.

Algumas dessas ocupações históricas são mais antigas, representando a tradição Neobrasileira. Os seus assentamentos, independentemente de ocorrerem sobre sambaquis abandonados ou na superfície do terreno, podem apresentar grande volume de resíduos resultantes da pesca e coleta de frutos do mar. As suas estruturas assemelham-se, em parte, às dos sambaquis de origem indígena. Tais sítios são considerados sambaquis históricos (CHMYZ, 1986:103).

Sobre a cronologia do Sambaqui de Matinhos, Loureiro Fernandes tentou, dentro das possibilidades da época, lançar algumas luzes. Baseando-se em dados fornecidos pela geologia, como os cálculos do ritmo de sedimentação e movimentos epirogênicos, segundo os quais a formação da praia que suportava o sambaqui

dataria no máximo de dois mil anos, aquele autor considerou que as populações indígenas, cujos vestígios estavam manifestos no sítio, palmilharam o litoral paranaense no holoceno recentíssimo, “**nos chamados tempos históricos - para nós americanos, ainda, pré-históricos**”. Em outra parte do seu trabalho, ao se referir aos enterros secundários encontrados quase na base do sambaqui, Loureiro Fernandes deixou transparecer que havia até a expectativa de se encontrar cerâmica a eles associada (1955:594).

Deve-se levar em conta que, nas décadas de 30 e 40, quando

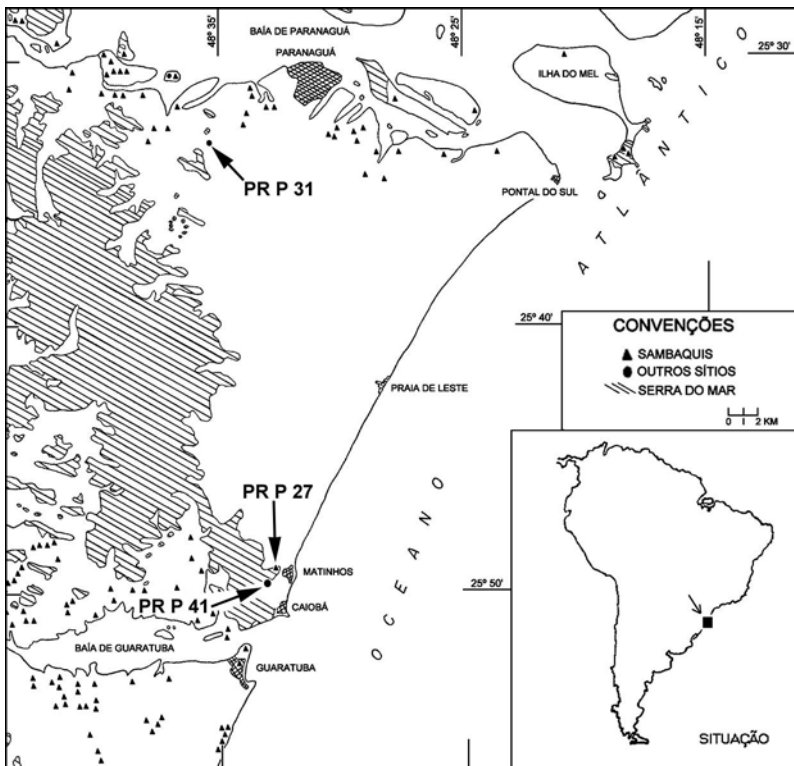


Figura 27. Trecho do litoral paranaense situado entre as baías de Paranaguá e Guaratuba, com a localização dos sítios arqueológicos PR P 27, PR P 31 e PR P 41.

Loureiro Fernandes procurava se inteirar da realidade dos sambaquis do Paraná, em alguns meios ainda se contestava a sua origem artificial, apesar das interpretações de Gaspar da Madre de Deus e Antônio Vieira dos Santos, nos séculos XVIII e XIX, respectivamente e, principalmente, do estudo clássico de Othon Henry Leonardos, em 1938.

A estimativa da idade do Sambaqui de Matinhos feita por Loureiro Fernandes, assim como a sua expectativa de encontrar cerâmica junto aos enterros secundários do sítio, devem ter sido influenciadas por Vieira dos Santos, historiador do litoral paranaense na primeira metade do século XIX. Nos seus manuscritos, guardados no Círculo de Estudos Bandeirantes até meados do século seguinte, quando foram publicados pelo Museu Paranaense, aquele historiador atribuía a autoria dos sambaquis aos índios Carijó que:

... em certos mezes do anno vinhão mariscar na costa, e escolhião entre os mangaes algum lugar enxuto, aonde arranchavão e dali, sahião como enxames de abelhas a extrahir do lodo os testaceos maritimos. (SANTOS, 1951:93).

Os índios chamados Carijó⁵ foram constatados pelos europeus na segunda metade do século XVI, na baía de Paranaguá. Pertenciam à família lingüística Tupi-Guarani e praticavam enterros no interior de recipientes cerâmicos.

A legislação protetora dos sambaquis do Paraná, promulgada em 29 de maio de 1951, através do decreto Nº 1.346, ao reservá-los para fins de pesquisas de **proto-história** (grifo nosso), baseou-se nas deduções de Loureiro Fernandes.

A cronologia hoje disponível para vários sambaquis do nosso litoral e o de outros estados brasileiros é fruto de datações pelo método do Carbono-14, inexistente na época em que se processou o primeiro estudo do Sambaqui de Matinhos. Graças a elas, sabe-se que alguns sambaquis do Paraná atingem mais de seis milênios antes do

⁵ Em estudo recente, com base em dados recolhidos em sítios da tradição arqueológica Tupiguarani do litoral do Paraná, procurou-se demonstrar que os índios ali encontrados pelos portugueses eram os Tupinikin, como os que habitavam o contíguo litoral de São Paulo (CHMYZ, 2002:71).

presente. Outros são mais recentes, como é o caso do Sambaqui da Ilha dos Ratos, situado na Baía de Guaratuba, datado de 1540 anos antes do presente.

Como a amostra de carvão vegetal coletada no Sambaqui de Matinhos não pôde ser datada pelo método de Carbono-14 tentou-se, na primeira redação deste artigo, uma cronologia relativa. Considerando-se a presença das pontas de flechas nos estratos superiores do sambaqui, cuja cronologia, baseada nas evidências do sítio PR P 31, foi estimada entre 4800 e 4100 antes do presente, quando da vigência de um período de resfriamento climático (CHMYZ, 1975:88), poderíamos estabelecer para o início da sua construção um momento situado entre 5800 e 4800 A.P. Neste período, segundo a “curva” de flutuação do nível do oceano de Fairbridge (citado por BIGARELLA, 1964:211), ter-se-ia verificado uma submergência marinha de quase 3m, propiciando um ambiente favorável ao desenvolvimento da malacofauna nos arredores do sambaqui, levando-se em conta que a sua base estava pouco mais de 4m acima do nível do mar atual.

Posteriormente, Fairbridge publicou uma nova “curva” de flutuação do nível do oceano (citado por GARCIA, 1979). Nela, a duração do período de submergência comentada foi ampliada, situando-se entre 6000 e 4500 A.P. O período da emergência “Bahama”, por outro lado, à qual poderiam estar relacionados os sítios com pontas de flechas do litoral foi reduzido, situando-se entre 4500 e 4100 A.P.

Essas estimativas baseavam-se, também, nos resultados de datações em sítios com pontas pedunculadas no planalto paranaense. As provenientes do médio rio Iguaçu correspondiam às da segunda estimativa. Mais para o norte e oeste, nas margens paranaenses dos rios Paranapanema e Paraná, sítios com pontas pedunculadas ultrapassavam a data de 8000 A.P. (CHMYZ e CHMYZ, 1986:75).

Tornando-se viável no Brasil a datação de rochas que estiveram em contato com estruturas de combustão pelo método da termoluminescência (TL), amostras foram coletadas juntamente com o solo dos sítios PR P 27: Sambaqui de Matinhos e PR P 41: Leonel. No sítio PR P 31: Ribeirão, a coleta não foi possível porque o seu testemunho foi destruído. As coletas foram efetuadas nos dias 21 e 22 de Setembro de 2000.

A urbanização do espaço anteriormente ocupado pelo Sambaqui de Matinhos havia sofrido grande incremento. Conseguiu-se, ainda,

depois da vistoria de várias propriedades muradas, encontrar um pequeno quintal ao lado do espaço escavado em 1977. Nele foi feito um corte que forneceu a amostra necessária.

No sítio Leonel a Prefeitura Municipal de Matinhos havia aberto uma rua em sentido perpendicular à estrada do Sertãozinho e, para o sul, o sítio foi terraplanado. Nesse terreno rebaixado, construiu-se um templo religioso e um centro esportivo. Do sítio restou a porção norte, com algumas edificações na superfície da elevação. No barranco da rua a camada arqueológica situava-se entre 70 e 100cm de profundidade. Na sua encosta e no leito da rua espalhavam-se centenas de peças, inclusive pontas de flechas pedunculadas.

A amostra para datação foi retirada do perfil exposto, um pouco acima da base da camada arqueológica.

Processadas pelo LACIVID, do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, a amostra da base do sambaqui forneceu a data de 2750 ± 250 A.P. ou 800 ± 250 a.C. A do sítio Leonel foi datada entre 2222 e 2686 A.P. ou 272 e 736 a.C. As datações foram recebidas em 30 de Janeiro e 02 de Abril de 2003, respectivamente.

Os resultados mostraram-se coerentes com relação à espera da seqüência ocupacional dos sítios de Matinhos. Tendo em vista que as pontas registradas por Loureiro Fernandes nas porções superiores da camada central do Sambaqui de Matinhos apresentam tipologia comparável às do vizinho sítio Leonel, é possível que sejam contemporâneas. A sua inclusão no sambaqui deveria corresponder a um momento mais recente daquele em que o depósito conchilífero foi iniciado.

As datas obtidas nos dois sítios relacionam-se, na "curva" de Fairbridge, a uma transgressão marinha de um metro em relação ao nível atual.

Estudos mais recentes sobre a oscilação do nível do mar durante os últimos 6000 anos apontam três períodos de altitudes máximas para o litoral do Estado do Paraná (ANGULO e SHUGUIO, 1995:392). Na "curva" estabelecida, a datação de 2222 A.P. do sítio Leonel Localiza-se no terceiro período, a cerca de 1,80m do nível médio do mar. A do Sambaqui de Matinhos encontra-se entre o segundo e terceiro episódios máximos, cuja relação com o nível atual do mar não foi definida por aqueles autores. Considerando-se a variação para mais da datação do Sambaqui de Matinhos, o início da sua construção

coincidiria com o segundo máximo, quando o nível do mar estaria 2,30m acima do atual. A data mais recuada do sítio Leonel, por sua vez, estaria relacionada com o início do terceiro máximo, com altitude da transgressão marinha não determinada na “curva”.

Conforme a topografia praticada por Reinhard Maack, para o estudo de Loureiro Fernandes, a base do Sambaqui de Matinhos encontrava-se a 4,20m acima do nível do mar; este ponto, situado no extremo nordeste do sítio, ao lado de um subafluente do rio Matinhos, foi o da coleta das amostras datadas. A base da camada arqueológica do sítio Leonel, pouco acima da qual foi retirada a amostra agora datada, encontra-se a 5,30m acima do nível do mar atual.

A planície da Praia de Leste, na qual se inserem os dois sítios é caracterizada, a oeste e sudoeste dos terrenos cristalinos, por terraços de restingas e terrenos mais baixos representando um sistema lagunar colmatado no período geológico recente. Uma datação pelo método do Carbono-14 confirma a existência desse sistema lagunar em torno de 5700 A.P. (BIGARELLA - Coord., 1978:110). Os remanescentes do Sambaqui de Matinhos e do sítio Leonel situam-se entre os terraços de restingas e a depressão lagunar.

Além dos sítios com pontas comentados acima, outro foi escavado há décadas, por José W. RAUTH, no Município de São José dos Pinhais. Trata-se do PR CT 35: Céu Azul, encontrado na Serra do Mar, nas cabeceiras do rio Pequeno, um afluente da margem esquerda do rio Iguaçu.

As datações obtidas em profundidades que variaram de 35 a 125cm, oscilaram entre 755 A.P. e 3750 A.P.⁶ Estas datas derivaram de amostras coletadas na profundidade de 100cm, em cortes diferentes; a que forneceu a data mais recuada era muito pequena e talvez deficitária. As outras datações, de 1000 A.P. e 2670 A.P., correspondiam às profundidades de 35 e 125cm, respectivamente.

No primeiro planalto paranaense, pesquisas realizadas recentemente evidenciaram espaços densamente ocupados por caçadores coletores generalizados portadores de pontas pedunculadas. Entre esses espaços, o compreendido pelos rios Iguaçu, Pequeno e Passaúna revelou-se como o mais expressivo. Um dos sítios da margem do rio Passaúna apresentou a data de 890 A.P.

⁶ Comunicação pessoal, em 15 de Agosto de 1972.

No vale do rio Itajaí-Açu, localizado no leste de Santa Catarina, Walter F. PIAZZA (1967:42) definiu a fase Itajaí, composta por sítios com pontas pedunculadas. A única datação obtida atingiu 5720 A.P. (1967:42).

No planalto catarinense de Canoinhas, situado mais a oeste do espaço anterior, o mesmo autor estabeleceu a fase Itaió, também agrupando sítios com pontas pedunculadas. As datações dessa fase variaram de 660 A.P. a 290 A.P. (PIAZZA, 1974:61). Ao norte, o planalto de Canoinhas tem os rios Negro e Iguaçu como limites com o Estado do Paraná.

Ao norte do médio rio Ribeira, no leste de São Paulo, sítios com pontas pedunculadas foram reunidas na fase Betari, por Paulo A.D. DE BLASIS (1996:101). Um dos seus sítios, o BS 22, foi datado em 1250 A.P.

O que se percebe nesse cotejo é a tendência de sítios com pontas de flechas pedunculadas, genericamente atribuídas à tradição Umu⁷, serem mais recentes na região leste dos estados citados, embora sítios com as mesmas características também tenham apresentado datas tardias no norte e no sul do Paraná.

As datações existentes para os sítios do leste, incluindo a região metropolitana de Curitiba são escassas para que se possa aceitar a sua ocupação, pelos produtores de pontas pedunculadas, somente no período tardio.

A datação da fase Itajaí em Santa Catarina, a do sítio Leonel e a mais antiga do sítio Céu Azul, no Paraná, estão indicando a sua presença em tempos mais recuados. Representariam estas e as mais recentes, reocupações do mesmo grupo em épocas distintas, às vezes bastante espaçadas. Dados sobre as condições paleoambientais poderiam contribuir decisivamente para o entendimento desse processo. Deve ser considerada nessa análise a ocorrência de lâminas de machados lascadas, que são numerosas em alguns, como o sítio Leonel, raras em outros, como o sítio Ribeirão e inexistentes nos da região metropolitana de Curitiba.

⁷ Não se pretende discutir esse tema neste artigo. Entre os vários sítios com pontas pedunculadas do Paraná, existem aqueles que as apresentam com detalhes morfológicos diferenciados da tradição Umu e estão sendo considerados, ainda como hipótese de trabalho, como pertencentes à tradição Bituruna.

AGRADECIMENTOS

Os autores tornam público o seu reconhecimento a Lygia G. Chmyz e Alcírio L. Baido pela colaboração prestada durante os trabalhos de campo em 1977, a Luiz F.E. Lima pela restauração do crânio infantil e documentação fotográfica das peças ósseas e líticas deles resultantes, a Jonas E. Volcov pela montagem de figuras ilustrativas, a Roseli S. Ceccon pela diagramação do texto e participação na atividade de campo quando da coleta de amostras para datação e a Lorena Sganzerla pela tradução do resumo.

ABSTRACT: This article, published in homage of the birth centenary of the antropologist José Loureiro de Ascenção Fernandes (1903 – 2003), takes again in discussion the *shell mound* of *Matinhos*, in state of *Paraná*. The partial results of the pioneers excavations in decade of 1940 were published for Loureiro Fernandes in the 31^o International Congress of Americanist annals. The history rescue of *shell mound* of *Matinhos* includes the sparse production of Guilherme Tiburtius and co-workers. Also are presented the researches made in 1970 in the archeological sites remaining and the results of radiometrical dating. Are yet in discussion the *shell mounds* reoccupations by hunters-collectors who ported pedunculate arrowheads.

KEY – WORDS: Brazilian Archeology; *Shell Mound of Paraná*; Radiometrical Dating; Research History.

REFERÊNCIAS

BIGARELLA, João José. Nota prévia sobre a composição dos sambaquis do Paraná e Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, Curitiba, v.4, p.95-106, 1949.

_____. Variações climáticas no Quaternário e suas implicações no revestimento florístico do Paraná. **Boletim Paranaense de Geografia**, Curitiba, n.10/15 p.211-231. 1964.

_____ **Matinho: homem e terra - Reminiscências.** Prefeitura Municipal de Matinhos - Associação de Defesa e Educação Ambiental. Matinhos, 1991, 212p.

BIGARELLA, João J.; BIGARELLA, Iris E. K.; JOST, Hardy (Org.) In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON THE QUATERNARY, 1975, Curitiba. **Boletim Paranaense de Geociências**, n.33, 1975. p. 277-340.

BIGARELLA, João J. (Coord.) **A Serra do Mar e a porção oriental do Estado do Paraná... Um problema de segurança ambiental e nacional.** Curitiba: Secretaria de Planejamento do Paraná e Associação de Defesa e Educação Ambiental, 1978, 248p.

CHMYZ, Igor. A ocorrência de sítio arqueológico com pontas-de-projétil no litoral paranaense. Nota prévia sobre o sítio PR P 31: Ribeirão. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, n.47, p.81-89. 1975. Suplemento.

_____ A ocupação do litoral dos Estados do Paraná e Santa Catarina por povos ceramistas. **Estudos Brasileiros**. Curitiba, v.1, n. 1, p.7-43. 1976.

_____ A formação de Sambaquis em período histórico no Estado do Paraná. **Arqueologia**. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas. Curitiba, v.5, p.103-111. 1986.

_____ A tradição Tupiguarani no litoral do Estado do Paraná. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**, Curitiba, v.16, p.71-95. 2002.

_____ CHMYZ, João C. G. Datações radiométricas em áreas de salvamento arqueológico no Estado do Paraná. **Arqueologia**. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas. Curitiba, v.5, p.69-77. 1986.

DE BLASIS. Paulo A. D. **Bairro da Serra em três tempos:** arqueologia, uso do espaço regional e continuidade cultural no médio vale

do Ribeira. São Paulo, 1996. 166f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

EMPRESAS DOW. **Herança**: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu. São Paulo, 1984. 152p.

FERNANDES, José L. Contribuição à geografia da Praia de Leste. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, v.6, p.3-44. 1947.

_____. Os sepultamentos no Sambaqui de Matinhos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31., 1955. São Paulo. Anais... São Paulo, 1955. p.579-596.

_____. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná. In: A jazida José Vieira. Um sítio Guaraní e Pré-cerâmico do interior do Paraná (Annette Laming e José Emperaire). **Arqueologia**. Curitiba, v.1, 4p. 1959.

GARCIA, Caio Del R. Nova datação do Sambaqui Maratúá e considerações sobre as flutuações eustáticas propostas por Fairbridge. **Revista de Pré-história**, São Paulo, n.1, p.15-30, 1979.

GOFFERJÉ, Carlos N. Contribuição à zoogeografia da malacofauna do litoral do Estado do Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense**, Curitiba, v.8, p.221-282. 1950.

MARTINS, Romário. Os ictiófagos dos sambaquis. **Catálogos e Estudos do Museu Paranaense**, Curitiba, p.27-31. 1925.

PEREIRA JÚNIOR, José A. Algumas notas em torno de pedras com covinhas encontradas em sambaquis. **Apontamentos Arqueológicos**, São Paulo, v.4, p.1-17. 1960.

PIAZZA, Walter F. Nota preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v.6, p. 39-46. 1967.

_____ Dados à arqueologia do litoral norte e do planalto de Canoinhas. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v.5, p.53-63. 1974.

PROUS, André. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de L'Uruguay. **Dédalo**. Museu de Arqueologia, São Paulo, v.20, p.11-127. 1974(a).

_____ Les sculptures préhistoriques du sud-brésilien. **Bulletin de la Société Préhistorique Française**. Paris, v.71, p.210-217. 1974(b).

SANTOS, Antônio Vieira dos. **Memória histórica da Cidade de Paranaguá e seu Município**. Curitiba: Museu Paranaense, 1951. v.1, 410p.

TIBURTIUS, Guilherme. Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. **Pesquisas: Antropologia**. Porto Alegre, v.6, p.1-61, 1960.

_____ A coleção de Guilherme Tiburtius. **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Museu Arqueológico de Sambaqui. Joinville, n.1, p.13-28. 1996.

TIBURTIUS, Guilherme; LEPREVOST, Alsedo. Sobre a ocorrência de pedras corantes e esqueletos pintados nos sambaquis dos estados do Paraná e Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, Curitiba, n.7, p.149-155. 1952.

_____ Nota sobre a ocorrência de machados de pedra, nos estados do Paraná e Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, Curitiba, n.8, p.503-553. 1953.

TIBURTIUS, Guilherme; LEPREVOST, Alsedo; BIGARELLA, João J. Sobre a ocorrência de bula timpânica de baleia e artefatos derivados nos sambaquis dos estados do Paraná e Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, Curitiba, n.4, p.87-94, 1949.

TIBURTIUS, Guilherme; BIGARELLA, Iris K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, Porto Alegre, n.7, p.1-51. 1960.

ARQUEOLOGIA

Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Universidade Federal do Paraná

NOVAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO SAMBAQUI DE MATINHOS, NO ESTADO DO PARANÁ

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
ANTECEDENTES HISTÓRICOS	3
O SAMBAQUI DE MATINHOS	14
AS NOVAS PESQUISAS	20
OUTROS INDÍCIOS ARQUEOLÓGICOS	22
OS ESQUELETOS HUMANOS	24
O MATERIAL LÍTICO	28
O MATERIAL ÓSSEO	31
DADOS COMPARATIVOS E CONCLUSÕES PARCIAIS.....	33
REFERÊNCIAS	51

